INCT DD
INSTITUTO NACIONAL DE CIÊNCIA & TECNOLOGIA EM DEMOCRACIA DIGITAL

COMPOLÍTICA
www.compolitica.org

Análise de dados qualitativos

- Compilação, decomposição e recomposição para análise de dados qualitativos
- A qualidade da pesquisa qualitativa: validação dos resultados

RAFAEL CARDOSO SAMPAIO

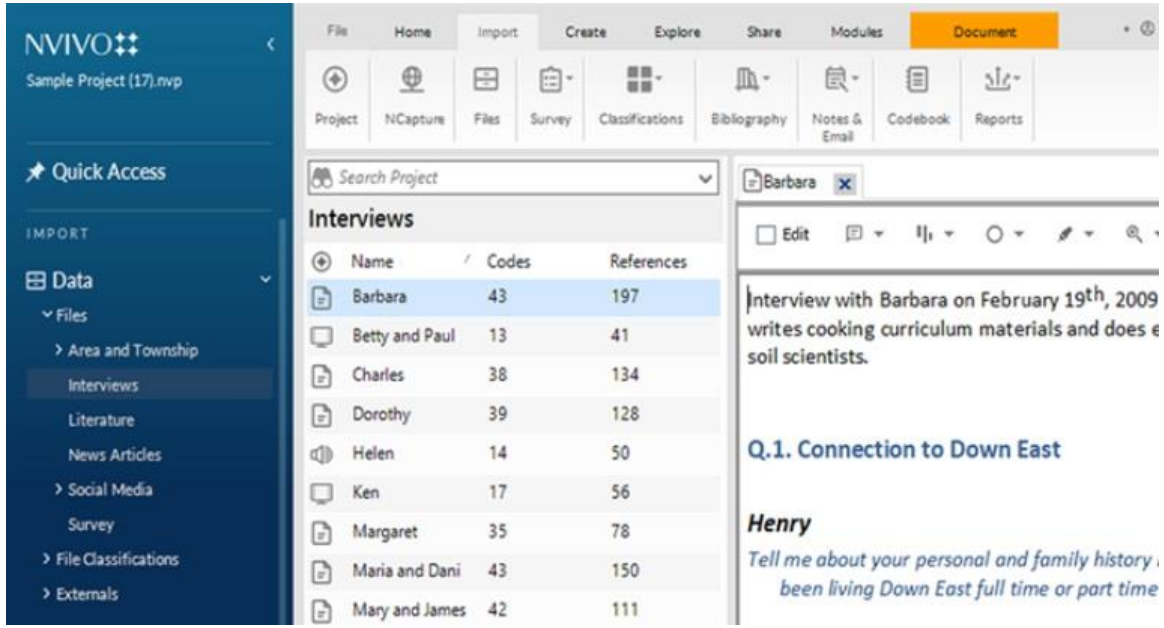
Compilação, decomposição e recomposição para análise de dados qualitativos

"Análise de dados qualitativos é essencialmente sobre detecção e saber definir. Categorizar, teorizar, explicar, explorar e mapear são fundamentais para o papel de analista".

(Jane Ritchie e Liz Spencer, 2002, p. 176)

Análise de dados qualitativos

- Dados já foram coletados (entrevistas e grupos focais)
- Dados já foram transformados em texto (transcritos)
- Softwares de análise qualitativa são importantes, mas não serão abordados (Nvivo, Atlas.ti, MAXQDA)



Variedade de áreas e formas de análise qualitativa

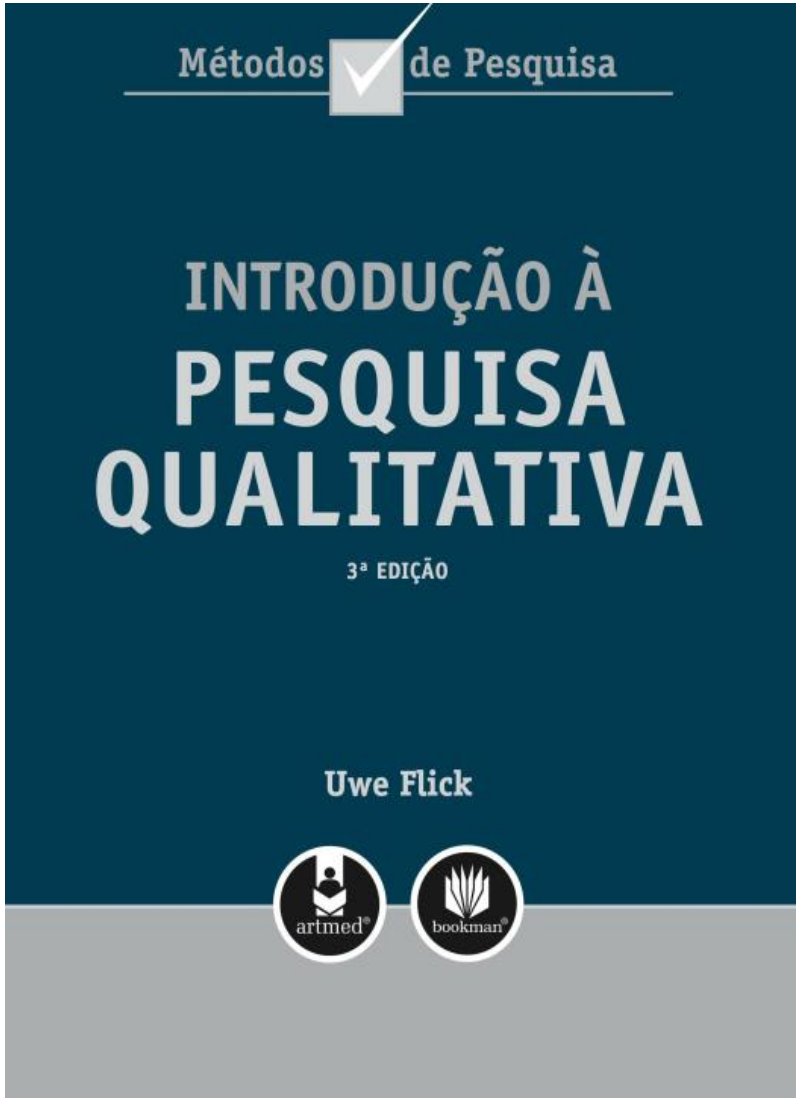
- Análise Argumentativa
- Análise de conversação
- Análise retórica
- Análise de discurso
- Análise textual discursiva
- Análise semiótica
- Análise fenomenológica/hermenêutica (dialética)
- Análise de narrativas
- Análise feminista (epistemologia feminista)
- Análise de teoria fundamentada/enraizada (*grounded theory*)
- Análise de conteúdo qualitativa
- **Análise qualitativa/temática**

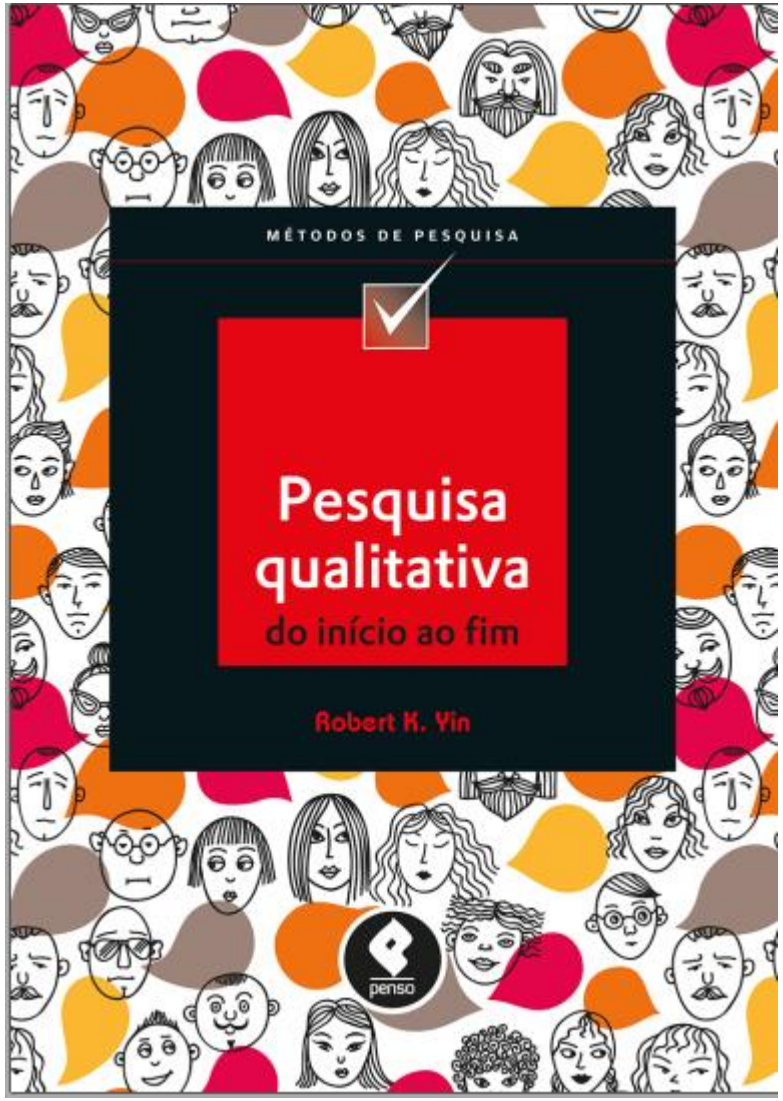
- Mesmo na análise qualitativa “genérica” não há consensos sobre os melhores caminhos ou métodos a serem seguidos

- O grande desafio é aumentar a capacidade de sistematização e de rigor científico dos métodos qualitativos sem extinguir completamente algumas de suas vantagens, como flexibilidade, criatividade, profundidade e chance de “deixar os atores falarem”.

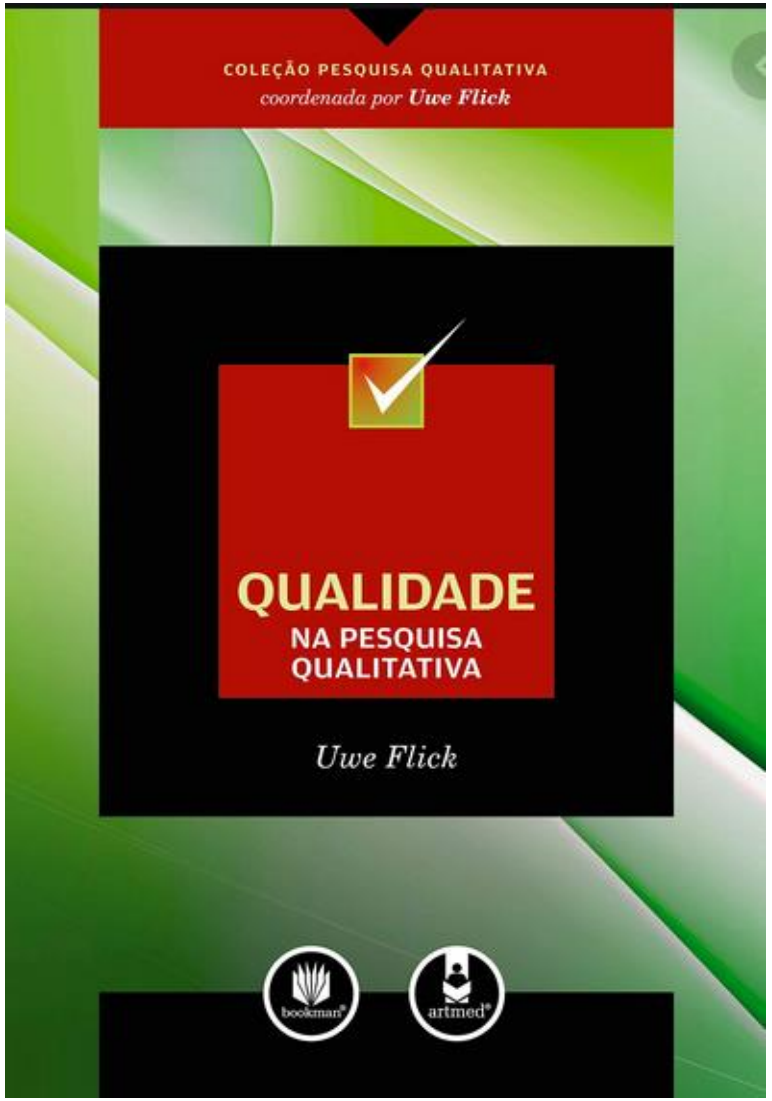
- Como parece faltar modelos consolidados de análise no Brasil, opta-se por sistematização e rigor

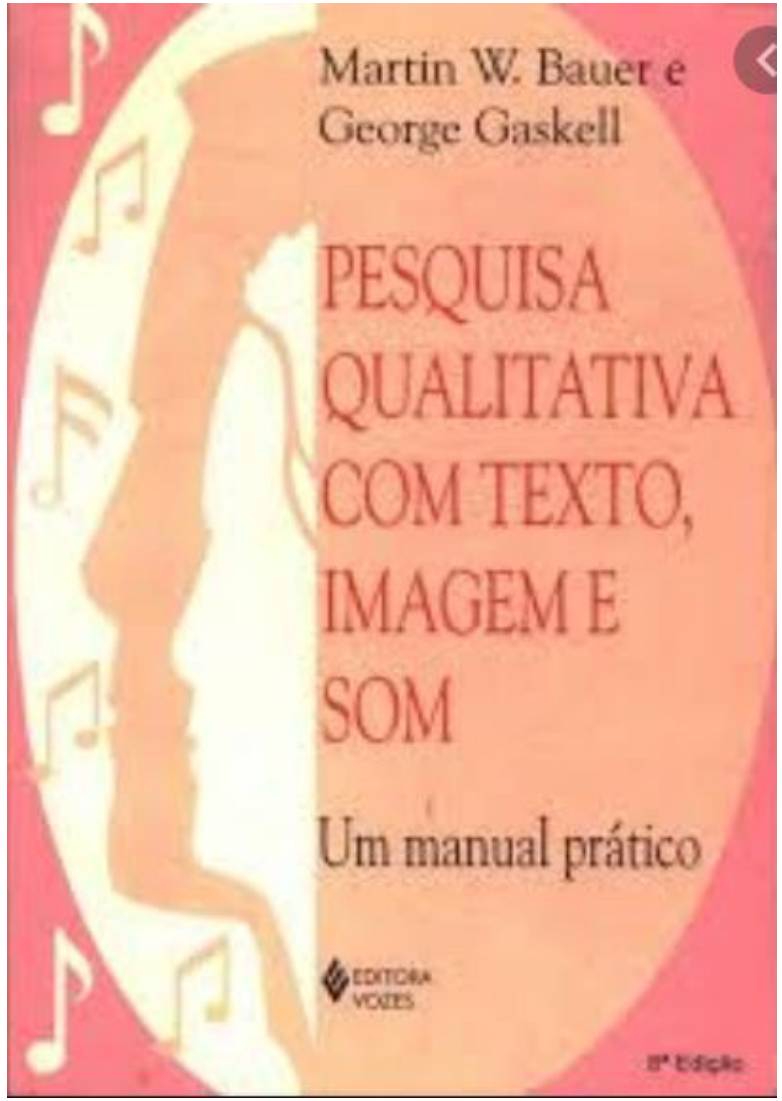
Livros de referência para análise qualitativa



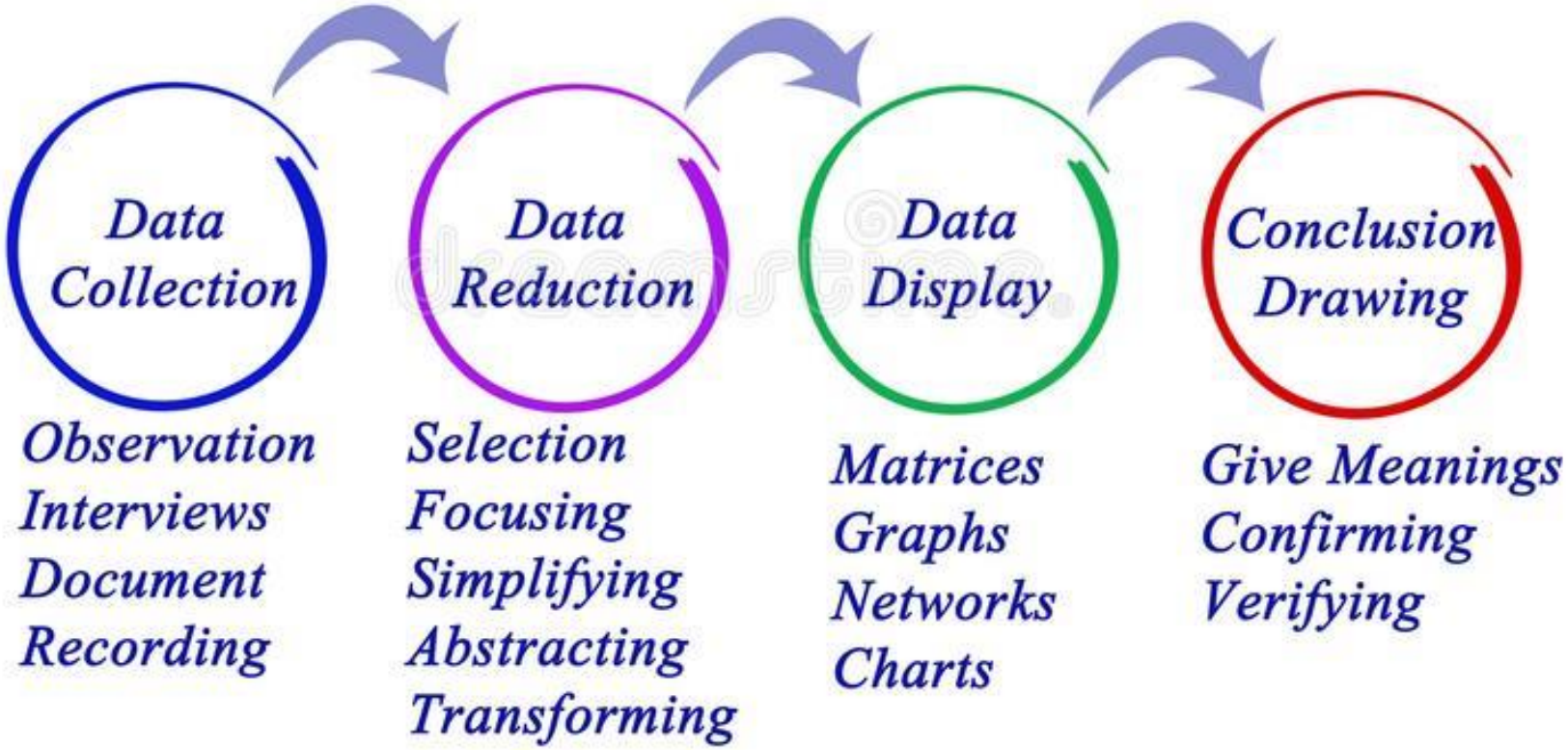


Livros de referência para validação dos dados





Qualitative Data Analysis



Ciclo de cinco fases analíticas (Yin, 2016)

(1) compilar; (2) decompor; (3) recompor [e arranjar]; (4) interpretar; (5) concluir

- Notar como as fases não são estanques, mas bidirecionais

- Método não linear e essencialmente indutivo

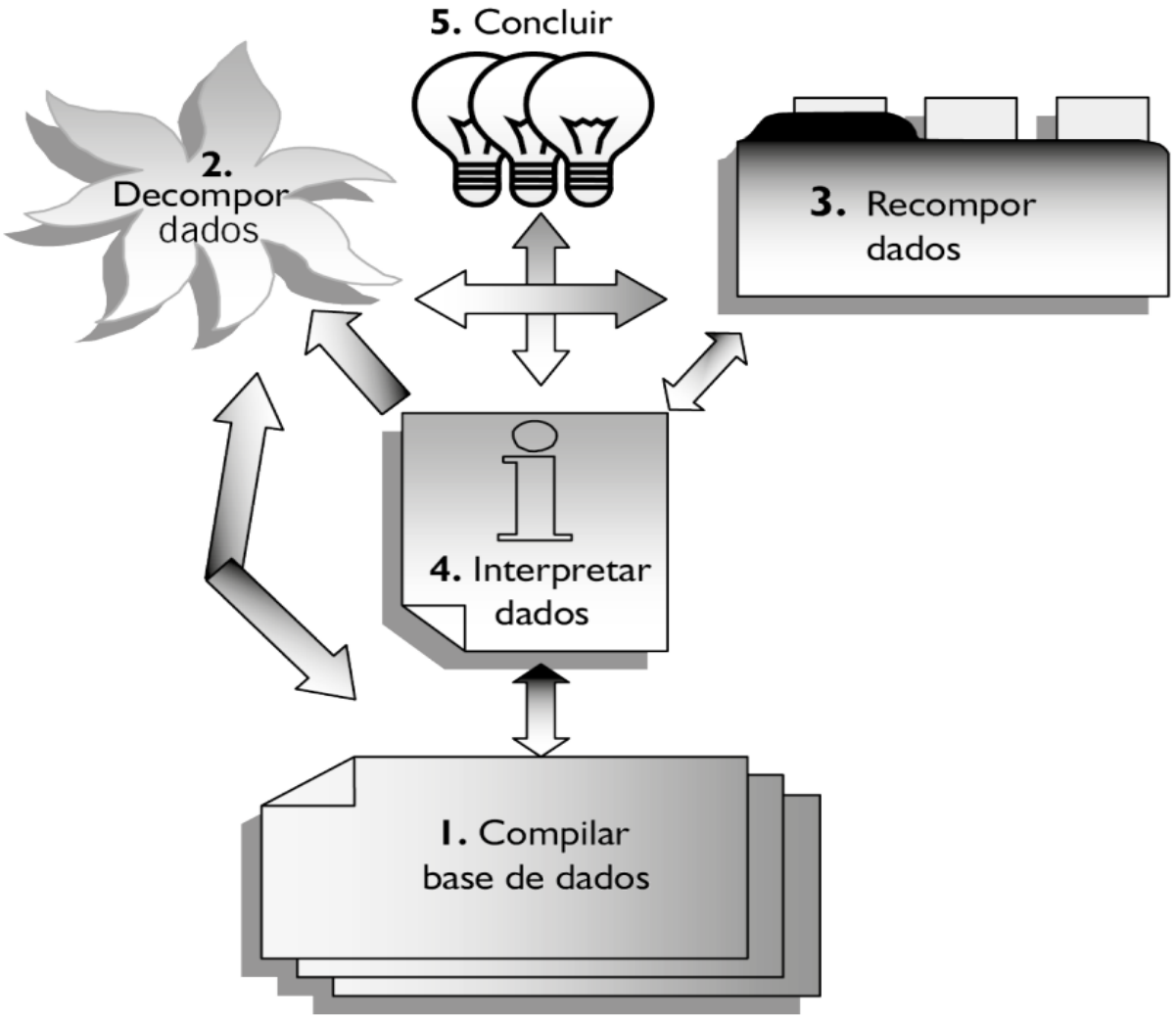
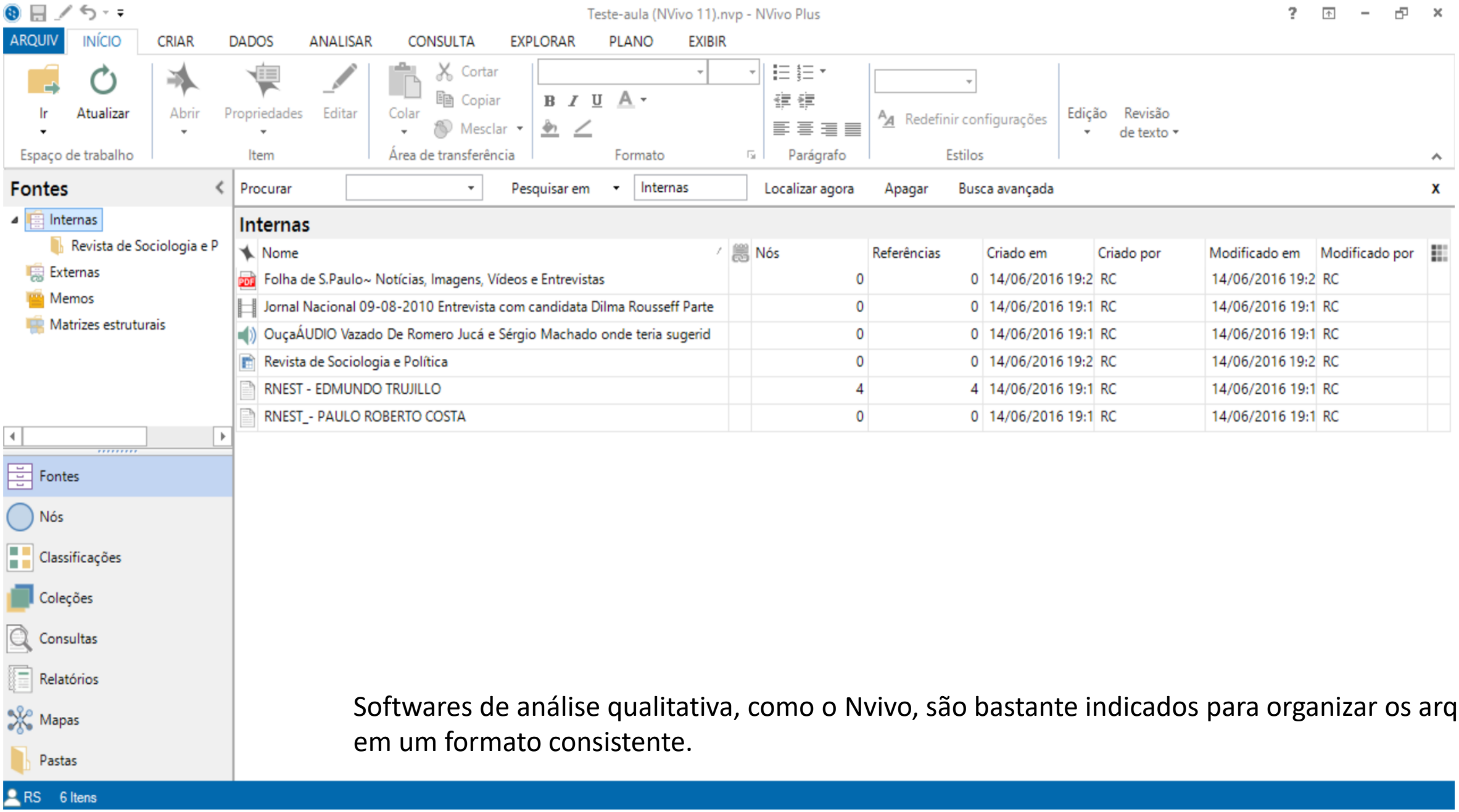


FIGURA 8.1
Cinco fases de análise e suas interações.

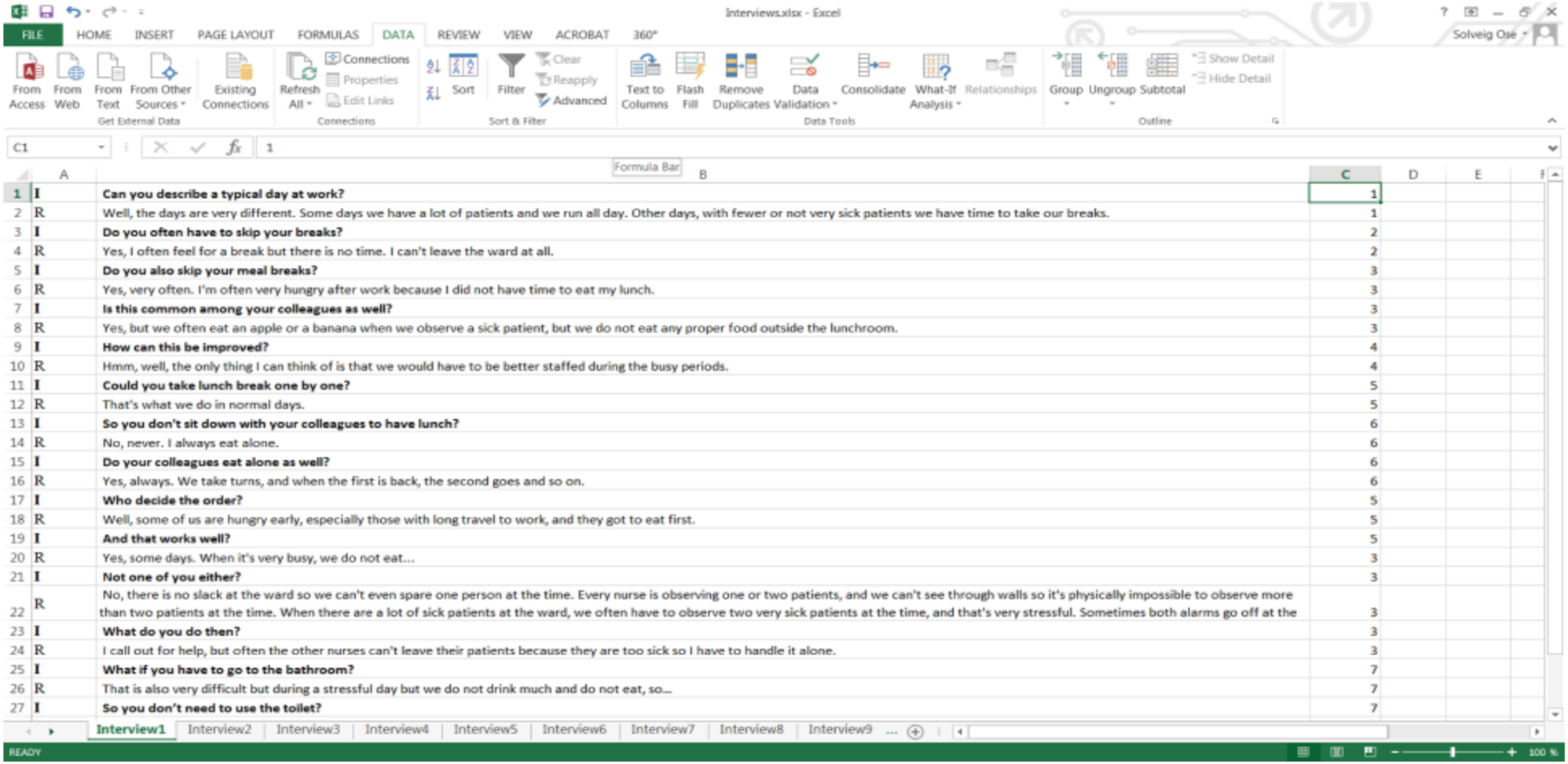
1. COMPILAR UM CONJUNTO ORDENADO DE DADOS (Yin, 2016)

- É a criação de uma “base de dados”
- As boas pesquisas qualitativas podem gerar uma série de notas de campo, diários de campo e memorandos
- Aqui, inicia-se o processo de releitura e maior familiarização com os dados como um todo
- **Colocar tudo em um formato consistente**



Softwares de análise qualitativa, como o Nvivo, são bastante indicados para organizar os arquivos em um formato consistente.

Usando Excel e Word para estruturar dados qualitativos (Ose, 2016)



	A	B	C
1	I	**Can you describe a typical day at work?**	1
2	R	Well, the days are very different. Some days we have a lot of patients and we run all day. Other days, with fewer or not very sick patients we have time to take our breaks.	1
3	I	**Do you often have to skip your breaks?**	2
4	R	Yes, I often feel for a break but there is no time. I can't leave the ward at all.	2
5	I	**Do you also skip your meal breaks?**	3
6	R	Yes, very often. I'm often very hungry after work because I did not have time to eat my lunch.	3
7	I	**Is this common among your colleagues as well?**	3
8	R	Yes, but we often eat an apple or a banana when we observe a sick patient, but we do not eat any proper food outside the lunchroom.	3
9	I	**How can this be improved?**	4
10	R	Hmm, well, the only thing I can think of is that we would have to be better staffed during the busy periods.	4
11	I	**Could you take lunch break one by one?**	5
12	R	That's what we do in normal days.	5
13	I	**So you don't sit down with your colleagues to have lunch?**	6
14	R	No, never. I always eat alone.	6
15	I	**Do your colleagues eat alone as well?**	6
16	R	Yes, always. We take turns, and when the first is back, the second goes and so on.	6
17	I	**Who decide the order?**	5
18	R	Well, some of us are hungry early, especially those with long travel to work, and they got to eat first.	5
19	I	**And that works well?**	5
20	R	Yes, some days. When it's very busy, we do not eat...	3
21	I	**Not one of you either?**	3
22	R	No, there is no slack at the ward so we can't even spare one person at the time. Every nurse is observing one or two patients, and we can't see through walls so it's physically impossible to observe more than two patients at the time. When there are a lot of sick patients at the ward, we often have to observe two very sick patients at the time, and that's very stressful. Sometimes both alarms go off at the	3
23	I	**What do you do then?**	3
24	R	I call out for help, but often the other nurses can't leave their patients because they are too sick so I have to handle it alone.	3
25	I	**What if you have to go to the bathroom?**	7
26	R	That is also very difficult but during a stressful day but we do not drink much and do not eat, so...	7
27	I	**So you don't need to use the toilet?**	7

Quadro 3 – Lista e codificação dos entrevistados de programas

Programas que criaram ações afirmativas por iniciativa própria			
Código do Entrevistado	**Área do Conhecimento**	**Região**	**Nota da CAPES**
Entrevistado AG1	Ciências Agrárias	Norte	4
Entrevistado Bio1	Ciências Biológicas	Sudeste	6
Entrevistado S1	Ciências da Saúde	Sudeste	4
Entrevistado H1	Ciências Humanas	Sul	6
Entrevistado SA1	Ciências Sociais Aplicadas	Sudeste	6
Entrevistado LLA1	Linguística, Letras e Artes	Sul	5
Entrevistado M1	Multidisciplinar	Norte	3
Programas que não possuem ações afirmativas			
Código do Entrevistado	**Área do Conhecimento**	**Região**	**Nota da CAPES**
Entrevistado AG2	Ciências Agrárias	Sul	5
Entrevistado Bio2	Ciências Biológicas	Sudeste	5
Entrevistado S2	Ciências da Saúde	Centro-Oeste	4
Entrevistado CET2	Ciências Exatas e da Terra	Sudeste	7
Entrevistado H2	Ciências Humanas	Sudeste	7
Entrevistado SA2	Ciências Sociais Aplicadas	Nordeste	5
Entrevistado ENG	Engenharias	Sul	6
Entrevistado LLA2	Linguística, Letras e Artes	Sul	7
Entrevistado M2	Multidisciplinar	Norte	6

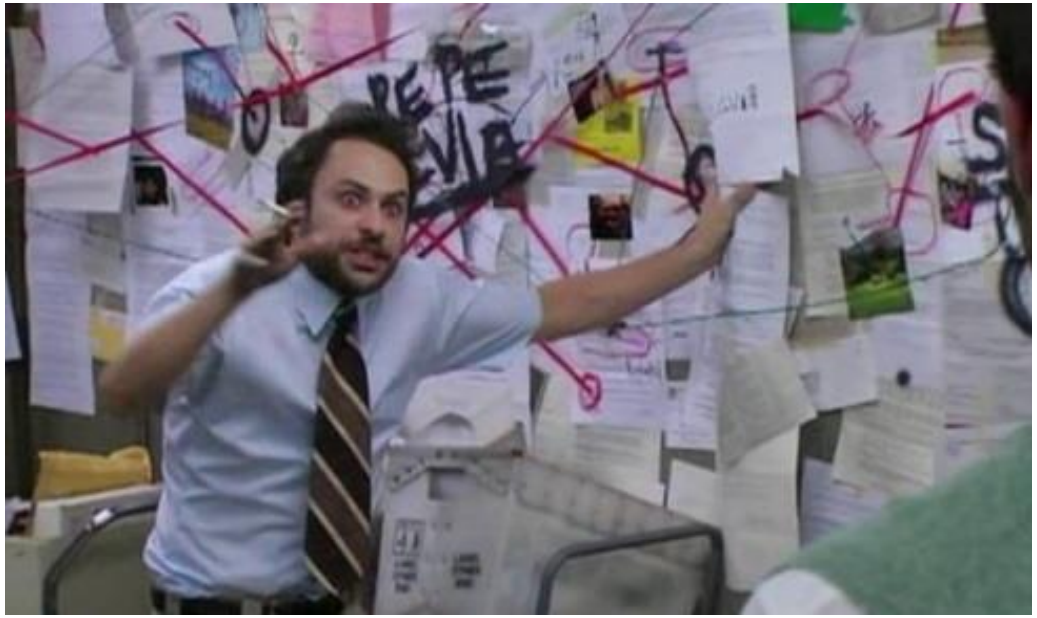
Fonte: A autora, 2019.

Exemplo da organização adequada da entrevistas. Fonte: Venturini, 2019

2. DECOMPONDO OS DADOS (Yin, 2016)

Memorandos: ideias, pensamentos, impressões (*insights*) para análise ou interpretação dos dados que surgem durante o campo ou a releitura. (Yin)

Familiarização com material: imersão nos dados (ler transcrições, memorandos, diários, relatórios sobre os grupos focais/entrevistas e seus participantes, incluindo quando e como foram coletados e questões do contexto)



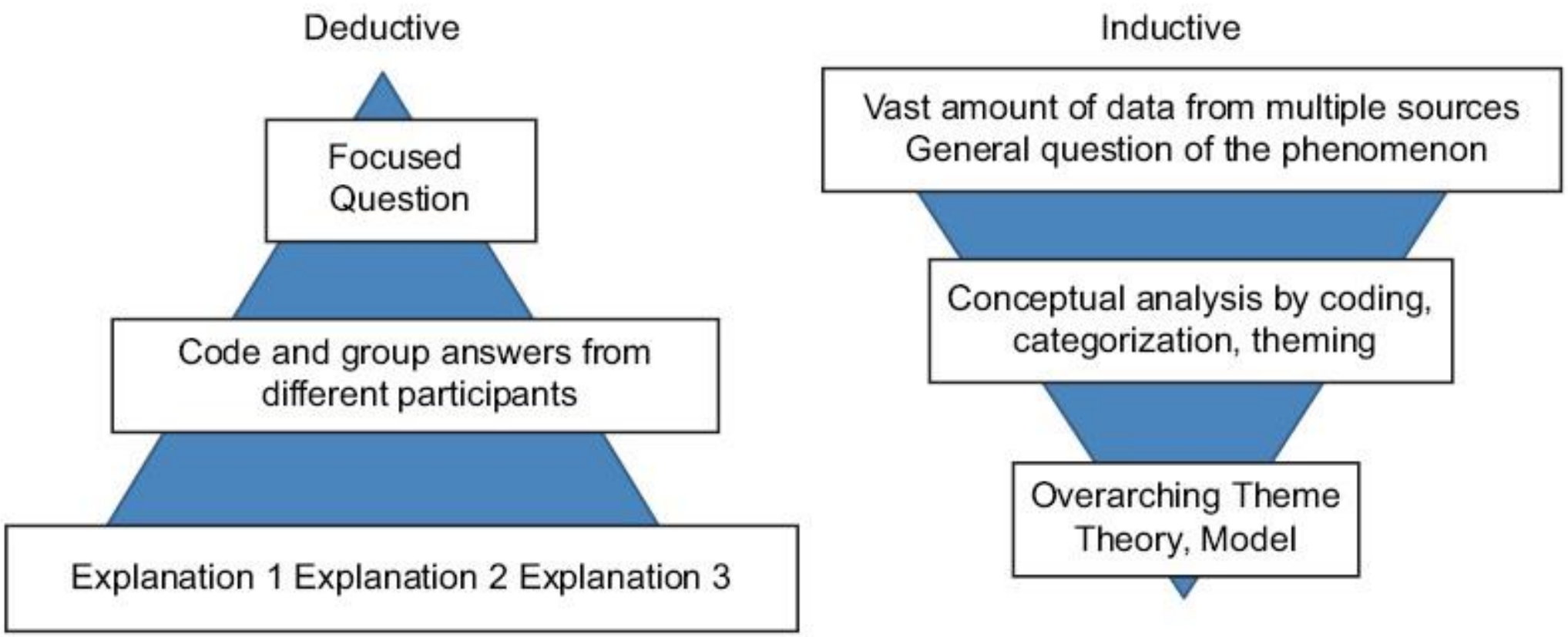
Grifar frases chave e fazer listagem de ideias e temas recorrentes.
(Casterlé et al, 2011; Ritchie, Spencer, 2002)

Método de Análise

Análise de dados pode ser determinada pelos objetivos de pesquisa (dedutiva) ou múltiplas leituras e interpretações dos dados brutos (indutiva) (Thomas, 2003)

Indutivo: o propósito primário é permitir achados de pesquisa emergirem de temas significativas, dominantes ou frequentes, inerentes de dados brutos sem as restrições impostas por metodologias estruturadas. (Thomas, 2003)

Dedutivo: baseada em padrões já estabelecidos pelos objetivos da pesquisa (conceitos, teorias, perguntas), no qual geralmente busca-se verificar a existência ou não dos códigos estabelecidos em um livro de códigos definido a priori. (Matthes, Kohring, 2008)


Deductive
Focused Question
Code and group answers from different participants
Explanation 1 Explanation 2 Explanation 3
Inductive
Vast amount of data from multiple sources General question of the phenomenon
Conceptual analysis by coding, categorization, theming
Overarching Theme Theory, Model

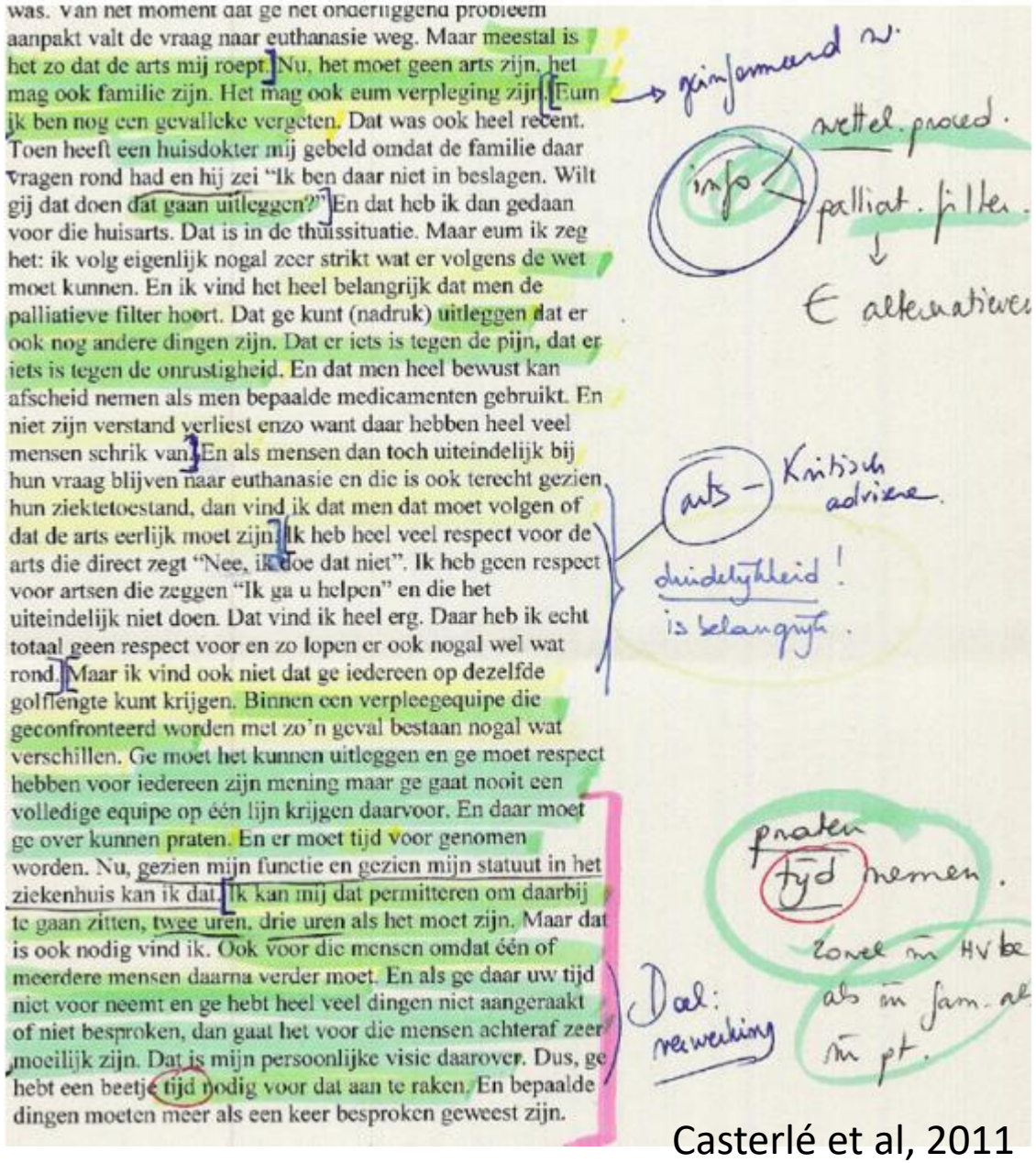
Codificando os dados

- **Codificação:** a definição sobre o que se trata os dados em análise. Envolve a identificação e o registro de uma ou mais passagens de texto ou outros itens dos dados, como partes do quadro geral que, em algum sentido, exemplificam uma ideia teórica e descritiva. Geralmente, várias passagens são identificadas e relacionadas a um nome para a ideia, ou seja, o código (Gibbs, 2009).

- **Código:** deve apresentar um rótulo ou nome, descrição e exemplos de aplicação. Cada código pode ter memorandos. Imagens e outros devem ser relacionados ao código para observar a sua natureza e o raciocínio que está por trás dele, explicando como esse código deve ser aplicado. (Gibbs, 2009).

O que codificar?

1. Atos e comportamentos específicos
2. Eventos
3. Atividades
4. Estratégias, práticas ou táticas
5. Estados
6. Sentidos
7. Participação
8. Relacionamentos ou interação
9. Condições ou limitações
10. Consequências
11. Contexto (Gibbs, 2009)


was. Van het moment dat ge het onderliggend probleem aanpakt valt de vraag naar euthanasie weg. Maar meestal is het zo dat de arts mij roept. Nu, het moet geen arts zijn, het mag ook familie zijn. Het mag ook eum verpleging zijn. Eum ik ben nog een gevalleke vergeten. Dat was ook heel recent. Toen heeft een huisdokter mij gebeld omdat de familie daar vragen rond had en hij zei "Ik ben daar niet in beslagen. Wilt gij dat doen dat gaan uitleggen?" En dat heb ik dan gedaan voor die huisarts. Dat is in de thuissituatie. Maar eum ik zeg het: ik volg eigenlijk nogal zeer strikt wat er volgens de wet moet kunnen. En ik vind het heel belangrijk dat men de palliatieve filter hoort. Dat ge kunt (nadruk) uitleggen dat er ook nog andere dingen zijn. Dat er iets is tegen de pijn, dat er iets is tegen de onrustigheid. En dat men heel bewust kan afscheid nemen als men bepaalde medicamenten gebruikt. En niet zijn verstand verliest enzo want daar hebben heel veel mensen schrik van. En als mensen dan toch uiteindelijk bij hun vraag blijven naar euthanasie en die is ook terecht gezien hun ziektetoestand, dan vind ik dat men dat moet volgen of dat de arts eerlijk moet zijn. Ik heb heel veel respect voor de arts die direct zegt "Nee, ik doe dat niet". Ik heb geen respect voor artsen die zeggen "Ik ga u helpen" en die het uiteindelijk niet doen. Dat vind ik heel erg. Daar heb ik echt totaal geen respect voor en zo lopen er ook nogal wel wat rond. Maar ik vind ook niet dat ge iedereen op dezelfde golflengte kunt krijgen. Binnen een verpleegequipe die geconfronteerd worden met zo'n geval bestaan nogal wat verschillen. Ge moet het kunnen uitleggen en ge moet respect hebben voor iedereen zijn mening maar ge gaat nooit een volledige equipe op één lijn krijgen daarvoor. En daar moet ge over kunnen praten. En er moet tijd voor genomen worden. Nu, gezien mijn functie en gezien mijn statuut in het ziekenhuis kan ik dat. Ik kan mij dat permitteren om daarbij te gaan zitten, twee uren, drie uren als het moet zijn. Maar dat is ook nodig vind ik. Ook voor die mensen omdat één of meerdere mensen daarna verder moet. En als ge daar uw tijd niet voor neemt en ge hebt heel veel dingen niet aangeraakt of niet besproken, dan gaat het voor die mensen achteraf zeer moeilijk zijn. Dat is mijn persoonlijke visie daarover. Dus, ge hebt een beetje tijd nodig voor dat aan te raken. En bepaalde dingen moeten meer als een keer besproken geweest zijn.

Casterlé et al, 2011

O que registrar?

- O **rótulo** ou nome do código
- **Quem codificou**: nome do pesquisador
- **Data da codificação**: feita ou alterada
- **Definição do código:** descrição da ideia analítica a qual ele se refere e instruções para que a codificação seja confiável (sistemática e constante)
- Quaisquer outras anotações ou **memorandos** sobre a percepção em relação ao código: ideias como se relaciona a outros códigos (Gibbs, 2009)

Nós

Nome	Fontes	Referênci	Criado em	Criado por	Modificado em
01. Relevance	2	637	09/07/2015 17:45	EME	03/08/2015 13:31
02.Gender	2	637	09/07/2015 17:49	EME	03/08/2015 13:31
03.Arguments	2	637	09/07/2015 17:52	EME	03/08/2015 13:31
04.Nível de Justificação	2	637	09/07/2015 18:05	EME	03/08/2015 13:31
05.Target of Interaction	2	637	09/07/2015 18:07	EME	03/08/2015 13:31
0. Not-addressing comment	9	1181	09/07/2015 18:07	EME	03/08/2015 13:27
1. User responds to previous speaker	9	373	09/07/2015 18:08	EME	03/08/2015 13:31
2. User responds or reacts explicitly to	9	752	09/07/2015 18:09	EME	03/08/2015 13:30
06.Agreement	2	637	09/07/2015 18:09	EME	03/08/2015 13:31
0. Absence of agreement	9	2091	09/07/2015 18:11	EME	03/08/2015 13:30
1. Presence of agreement	9	208	09/07/2015 18:10	EME	03/08/2015 13:31
07.Disagreement	2	637	09/07/2015 18:11	EME	03/08/2015 13:31
0. Absence of Disagreement	9	1529	09/07/2015 18:11	EME	03/08/2015 13:31
1. Soft disagreement	8	203	09/07/2015 18:11	EME	03/08/2015 13:30
2. Bold disagreement	9	574	09/07/2015 18:12	EME	03/08/2015 13:28
08.Demonstrated position	2	637	09/07/2015 18:13	EME	03/08/2015 13:31
0 - No position can be comprehended	9	260	09/07/2015 18:13	EME	03/08/2015 12:38

Códigos nível 1:

São os códigos iniciais também chamados de abertos. Mais pensados para se ater a itens mais descritivos e originais do materiais. Se forem exatamente como nos materiais, são códigos *in vivo*. (Yin, 2016)

- O que está acontecendo?
- O que as pessoas estão fazendo?
- O que a pessoa está dizendo?
- Qual o pressuposto dessas ações e declarações?
- De que forma a estrutura e o contexto servem para sustentar, manter impedir ou mudar essas ações e declarações? (Gibbs, 2009)

Tab. 3 Lista de argumentos

ARGUMENTOS A FAVOR DA REDUÇÃO DA MAIORIDADE PENAL	
ARGUMENTO	**DESCRIÇÃO**
A	O número de atos infracionais cometidos por adolescentes está aumentando, por isso é preciso que eles respondam criminalmente, o que resultará na diminuição da violência
B	A responsabilização prevista atualmente para adolescentes que cometem atos infracionais graves é fraca/branda porque o ECA não é adequado á realidade atual e, por isso, é preciso reduzir a maioridade penal
C	Os adolescentes, a partir dos 16 anos, já são capazes de saber o que é certo e errado e, por isso, deve-se reduzir a idade penal
D	Se os adolescentes aos 16 anos os têm inúmeros direitos, eles devem responder criminalmente por seus atos infracionais. Em vários países a idade penal é abaixo dos 18 anos
E	Os adolescentes se envolvem em atos infracionais porque sabem da impunidade
F	A redução da maioridade tem amplo apoio popular e reduzir a idade penal satisfaz a vontade da maioria.
G	Deve haver redução da maioridade penal, mas politicas públicas precisam ser desenvolvidas para aperfeiçoar o sistema carcerário para receber adolescentes
ARGUMENTOS CONTRÁRIOS À REDUÇÃO DA MAIORIDADE PENAL	
ARGUMENTO	**DESCRIÇÃO**
H	Educar é mais eficiente do que punir, sendo mais eficaz investir em politicas públicas para evitar que adolescentes se envolvam atos infracionais
I1	Encaminhar adolescentes que cometem atos infracionais para a prisão os coloca em contato com uma realidade violenta, que acaba por aumentar as práticas infracionais, ao invés de diminui-las.
I2	Encaminhar adolescentes que cometem atos infracionais para a prisão irá complicar ainda mais o sistema carcerário que está superlotado
J	A maioria dos atos infracionais é de menor gravidade e, por, isso reduzir a idade penal não resolverá o problema da violência
K	Grupos criminosos irão cooptar crianças e adolescentes cada vez mais novos, caso a maioridade penal seja reduzida. Por isso, reduzir a maioridade não soluciona o problema da violência
L	Os adolescentes de classe baixa serão mais prejudicados porque os de classe média e alta não costumam ser responsabilizados. A maioria dos adolescentes que cometem atos infracionais vem de situações de pobreza e de famílias desestruturadas. É um problema social, não de criminalidade
M	A maioridade penal aos 18 anos é cláusula pétrea. É um compromisso internacional
N1	As medidas socioeducativas aplicadas a adolescentes que cometem atos infracionais são suficientes enquanto forma de responsabilização, portanto, basta cumprir a lei;
N2	As medidas socioeducativas aplicadas a adolescentes que cometem atos infracionais são suficientes enquanto forma de responsabilização, mas é preciso corrigir e aperfeiçoar o sistema socioeducativo
O	Adolescentes são sujeitos em condição de desenvolvimento e, portanto, não se deve reduzir a maioridade penal

Fonte: Grupo EME-UFMG

Maia et al, 2017

Codificação Aberta da Grounded Theory*

1. O quê? Qual é a questão aqui? Que fenômeno é mencionado?

2. Quem? Que pessoas, atores estão envolvidos? Que papéis eles desempenham? Como eles interagem?

3. Como? Quais aspectos do fenômeno são mencionados (ou não são mencionados)?

4. Quando? Por quanto tempo? Onde? Tempo, curso e localização.

5. Quanto? Com que força? Aspectos relacionados à intensidade.

6. Por quê? Quais os motivos que foram apresentados ou que podem ser reconstruídos?

7. Para quê? Com que intenção, com que objetivo?

8. Por meio de quê? Meios, táticas e estratégias para atingir-se o objetivo. (Flick, 2009)

*Não é preciso usar toda a lógica da GT, mas algumas dicas de análise de dados qualitativas são interessantes

Códigos nível 2

Buscam pensar em formas de organizar as relações entre os códigos nível 1, a maneira como eles podem se enquadrar. São geralmente chamados de **categorias** (Yin, 2016).

Também eventualmente chamados como temas, as categorias são "grandes unidades de informação que consistem de vários códigos agregados para formar uma idéia comum" (Creswell, 2013, p. 186).

Na análise, você deve se afastar das descrições e passar para um nível mais categórico, analítico e teórico de codificação (Gibbs, 2009)

Quadro 2 – Tipos de memes políticos.

Meme persuasivo	**Retórica propositiva e/ou um apelo pragmático.** O conteúdo sugere ou faz referência à propostas do candidato, levanta uma discussão que aponta para o cálculo racional do eleitor ou toca em questões relacionadas a temas discutidos nas eleições e à opiniões dos candidatos.
	Retórica sedutora ou ameaçadora e/ou um apelo emocional. O conteúdo faz uso de aspectos marcadamente subjetivos e emocionais, como retratar um candidato como "pai/protetor dos pobres", ou colocá-lo ao lado de crianças ou, ainda, fazendo um apelo para emoções como o medo, a esperança etc.
	Retórica ético-moral e/ou um apelo ideológico. O conteúdo investe em denúncias de escândalos, faz críticas à corrupção ou má gestão de recursos públicos, menciona a rivalidade entre esquerda e direita etc.
	Retórica crítica e/ou um apelo à credibilidade da fonte. O conteúdo ancora-se em outras fontes, como depoimentos de terceiros ou da própria mídia (notícias da imprensa, por exemplo.), pesquisas de opinião, ou outros, a fim de garantir maior credibilidade ao candidato ou ao próprio conteúdo.
Meme de ação popular	**Dinâmica de ação coletiva e redes curadas por organizações.** O conteúdo é explicitamente patrocinado por organização partidária (e não pela militância), empresa, ONG, categoria profissional ou entidade sindical específica. Nessa classificação incluem-se memes criados pelo comando de campanha.
	Dinâmica de ação conectiva híbrida e redes catalisadas por organizações. O conteúdo é resultado de ação de militância sem vinculação ou menção explícita à organizações partidárias ou outras entidades. O "Ice Bucket Challenge", por exemplo, em favor de uma instituição que combate a esclerose lateral amiotrófica (ELA). Nesta codificação incluem-se conteúdos criados pela militância como os avatares de FB que utilizavam os slogans das campanhas de Dilma e Aécio ou memes como #eutenholigaçãocomfreixo.
	Dinâmica de ação conectiva e redes auto-organizadas. O conteúdo é criação de um coletivo que não se constitui formalmente como organização, como o movimento Ocupa. Incluem-se aí conteúdos gerados espontaneamente, com algum teor de engajamento político, como o #forasarney e o episódio de protestos contra o massacre Guarani Kaiowá.
	Dinâmica de ação conectiva de engajamento relativo. O conteúdo é resultado de uma tendência ou comportamento, não necessariamente atrelado a engajamento político particular, como *photo fads*, *selfies* etc. Nessa codificação incluem-se fotos da televisão durante o debate eleitoral, por exemplo.

Chagas et al, 2017

Outras dicas

- Procurar por palavras ou frases usadas repetidamente pelos atores,
- Procurar pelo inesperado.
- Ouvir as histórias dos atores (Hélène O'Connor, Nancy Gibson, 2003)
- Leitura inicial atenta do texto (identificar temas)
- Criação de categorias nível 1 in vivo e de categorias nível 2 pelos objetivos de pesquisa
- Procurar por subtópicos dentro de cada categoria, incluindo pontos de vista contraditórios e novas ideias. Selecionar excertos que exemplifique a essência de uma categoria.
- Combinar ou interligar categorias similares. (David Thomas, 2003)

Quantos códigos aplicar?

- Codificar no primeiro nível em torno de 30-50 códigos. Buscar códigos redundantes ou sobrepostos e reduzir a cerca de 20. Depois uni-los em 5-7 temas principais que irão para a seção qualitativa. (Creswell, 2015)

Table 1: The coding process in inductive analysis

Initial read through text data	Identify specific segments of information	Label the segments of information to create categories	Reduce overlap and redundancy among the categories	Create a model incorporating most important categories
Many pages of text	Many segments of text	30-40 categories	15-20 categories	3-8 categories

Note: Adapted from Creswell, 2002, Figure 9.4, p. 266

Thomas, 2003

Codificar todo o texto?
A maioria acha que nem tudo precisa ser codificado. Nem toda linha precisa ter um código atrelado desde que todas tenham sido consideradas para tanto.

Qual o tamanho do texto a ser codificado?
Depende do estudo e dos objetivos, mas tipicamente os códigos são aplicados a unidades mais extensas – sentenças ou parágrafos inteiros.

Na GT, sugere-se a codificação de **linha por linha**. (Elliott, 2018).

Os mesmos dados podem ter mais de um código?
Se quiser verificar a incidência de cercas ideias nos dados ou calcular a porcentagem que lida com alguma ideia ou conceito, o melhor é apenas usar um código por trecho (e.g. AC).

Por outro lado, a coincidência de diferentes códigos nos mesmos dados também podem trazer achados interessantes, permitindo cruzamentos interessantes.

Cuidado: codificações simultâneas sugerem uma visão incompleta ou mesmo não clara de um Sistema de codificação e consequentemente de desenho de pesquisa (Elliott, 2018).

Contar ou não os códigos?

Muitos pesquisadores qualitativos são totalmente contrários.

- *Contagem pode ser útil para mostrar a importância de certo código*. Por outro lado, é importante prestar atenção que o número de vezes que um código aparece pode não significar a sua magnitude dentro dos dados.

- Contagem também arrisca a possibilidade de não verificar a importância de *falas minoritárias nos dados*, que podem eventualmente ser a chave para uma análise mais interessante e relevante. (Elliott, 2018).

Maia et al, 2017

ADESÃO	AFIRMAÇÕES FAVORÁVEIS PARA A REDUÇÃO DA MAIORIDADE PENAL
90,30%	Atos infracionais cometidos por adolescentes estão aumentando
70,90%	A responsabilização prevista atualmente para adolescentes que cometem atos infracionais é fraca/branda
66,10%	Os adolescentes, a partir dos 16 anos, já são capazes de saber o que é certo e errado e por isso deve-se reduzir a idade penal
61,30%.	Os adolescentes se envolvem em atos infracionais porque sabem que não serão punidos como os adultos
33,80%	Se a idade penal for reduzida, a violência também diminuir
ADESÃO	**AFIRMAÇÕES CONTRÁRIAS PARA A REDUÇÃO DA MAIORIDADE PENAL**
80,60%	Educar é mais eficiente do que punir
74,10%	Os adolescentes de classe média e classe alta que cometem atos infracionais não costumam ser responsabilizados como os de classes mais baixas
45,10%	Encaminhar jovens adolescentes que cometem atos infracionais para a prisão os coloca em contato com uno realidade violenta, que acaba por aumentar as práticas infracionais, ao invés de diminuí-las
14,50%	As medidas socioeducativas aplicadas a adolescentes que cometem atos infracionais são suficientes enquanto forma de responsabilização

3. RECOMPONDO OS DADOS (YIN, 2016)

- Procurar padrões

a recomposição consistirá em levar seus códigos de Nível 1 e 2 para um plano conceitual ainda mais alto, no qual temas, ou mesmo conceitos teóricos, comecem a emergir e possam ser considerados códigos de Nível 3 e Nível 4

- Criar arranjos hierárquicos

Recompondo os dados para que dados semelhantes se enquadrem em conceitos semelhantes e dados dessemelhantes se enquadrem em conceitos diferentes, a hierarquia pode apontar para grupamentos diferentes (i.e., possíveis “classes” ou “tipologias” de coisas).

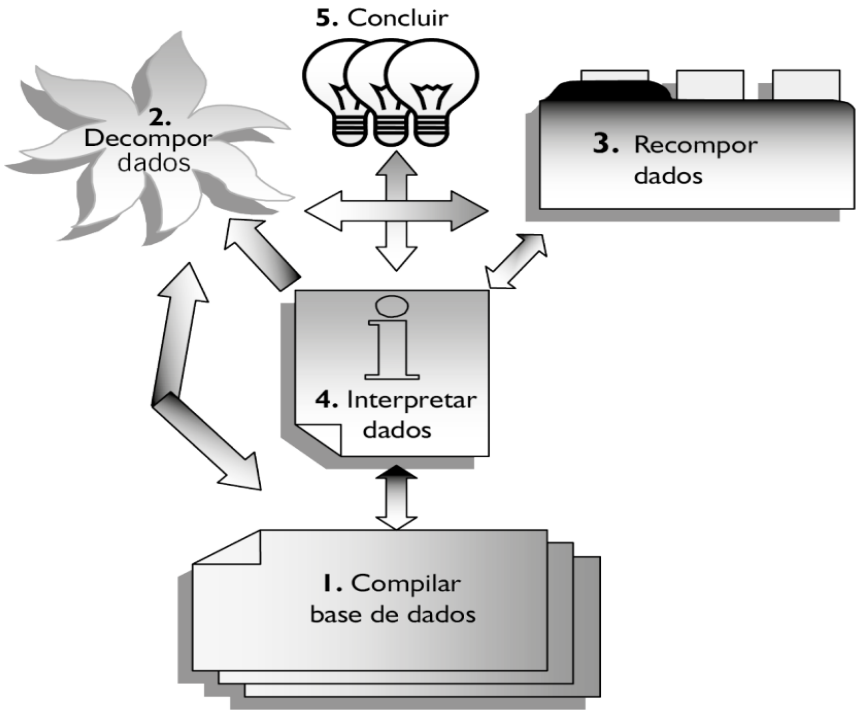


FIGURA 8.1
Cinco fases de análise e suas interações.

Delineando matrizes como arranjos

A matriz mais simples é essencialmente uma tabela de filas e colunas. As filas representam uma dimensão e as colunas representam outra. Exemplos são matrizes ordenadas por tempo, função ou conceitos.

1) As entradas devem ser seus dados reais, quer representados diretamente ou por códigos atribuídos no processo de decomposição.
2) Se não usar códigos, as células podem ficar muito grandes ou abarrotadas, demandando abreviações.
3) O conteúdo das células não deve conter suas próprias opiniões ou conclusões. A matriz desejada deve ser de dados, que permita que você examine seus dados e somente então comece a tirar conclusões

Quadro 7 – Comparação das propostas e política implementada

	Candidatos Indígenas		Candidatos Negros		Prazo de Duração
Proposta 2007	Processo seletivo separado e vagas adicionais	Oferta de, no mínimo, uma vaga adicional para cada curso (mestrado e doutorado)	25% de vagas adicionais	Aprovação dos mais bem classificados que não alcançarem a nota de corte (7) em cada etapa	5 anos
Proposta 2012	Processo seletivo diferenciado e vagas adicionais	Oferta de, no mínimo, uma vaga adicional para cada curso (mestrado e doutorado)	25% de vagas adicionais	Redução da nota de corte dos optantes de 7 para 5	6 anos
Resolução 6/2012	Processo seletivo diferenciado e vagas adicionais	Oferta de, no mínimo, uma vaga adicional para cada curso (mestrado e doutorado)	20% de vagas adicionais	Redução da nota de corte dos optantes de 7 para 5	6 anos

Nota: Elaboração a partir das propostas e da Resolução nº 6/2012.
Fonte: A autora, 2019.

Venturini, 2019

Quadro 1 Interface entre sistemas de categorização e representações sobre os usuários

	Fáceis	Difíceis
Categoria oficial	"Os idosos sempre tão ali pra te receber, principalmente os idosos gostam de receber carinho, gostam de atenção... Eu tenho uma idosinha que eu vou visitar ela e eu fico duas horas com ela, ela me conta desde quando ela nasceu, e a gente tem que dar atenção pra eles, principalmente os idosos porque eles são carentes..." (E6U9). "As mulheres (...) são mais fáceis de conversar" (E2U8). "Os mais fáceis de atender são os hipertensos. Porque como eles já passam bastante (nas consultas), então eles já entendem (o serviço), aí a gente orienta eles pegam e vem... Eles compreendem mais o serviço da gente" (E6U2).	"(os mais difíceis...) a parte eu acho que masculina, eu acho que eles não gostam muito de cuidar, são mais difíceis" (E8U5). "Outra família difícil também que eu tenho na minha micro(área) são pessoas esquizofrênicas" (E1U9). "Adolescentes é mais difícil, viu? Você não consegue falar com eles (...). A gente convida, mas o acesso é mais difícil" (E3U11).
Categoria sociocultural	"Os mais fáceis são os pobres. Eles aderem mais porque precisam da gente." (E7U1). "O brasileiro, pela comunicação é mais fácil, pela cultura também é um pouco mais fácil, e assim, no geral mesmo é o brasileiro..." (E2U1).	"O mais difícil é o nigeriano. Assim, o nigeriano não, o mais difícil é os estrangeiros. Já um grande obstáculo é a língua, que você não consegue falar, comunicar com eles... e os tabus deles também" (E5U11).
Categoria comportamental	"O mais fácil de tratar é aquele paciente que não precisa pegar no pé. Aquele que sabe o que tem que fazer, que sabe a rotina dele, os mais tranquilos" (E5U2).	"O mais difícil para mim é aquele tipo reclamão, aquele que reclama de tudo, que quer tudo na hora, que não quer esperar" (E3U9). "Infelizmente na minha microárea não existe essa divisão de fácil. Todos são difíceis. São muito fragilizados, eles estão muito acuados, parecem bichos acuados, tão muito na defensiva, eles têm muito medo de muitas coisas, eles não têm condições" (E1U8).
Combinação de categorias	"Os mais fáceis são os idosos mais carentes" (E5U9, E3U2).	"Mas com idoso, tem uns que são bens confusos assim... mas tem uns que são bens sóbrios também, consegue conversar e contar as coisas. Mas tem outros que são mais restritos assim, tem mais dificuldade" (E4U2).

Fonte: Entrevistas. Elaboração dos autores.

Lotta, Pires, 2020

Tab. 1 Afirmações com maior adesão e rejeição por categoria de participante antes dos grupos de discussão

Categoria de Participante	Argumento de maior adesão	Argumento de maior rejeição
Policiais	Atos infracionais cometidos por adolescentes estão aumentando (94.70%)	As medidas socioeducativas aplicadas a adolescentes que cometem atos infracionais são suficientes enquanto forma de responsabilização (78.90%)
Moradores de Periferia	Atos infracionais cometidos por adolescentes estão aumentando; e Os adolescentes de classe média e classe alta que cometem atos infracionais não costumam ser responsabilizados como os de classes mais baixas (94.10%)	As medidas socioeducativas aplicadas a adolescentes que cometem atos infracionais são suficientes enquanto forma de responsabilização (73.60%)
Adolescentes de periferia	Atos infracionais cometidos por adolescentes estão aumentando (86.30%)	As medidas socioeducativas aplicadas a adolescentes que cometem atos infracionais são suficientes enquanto forma de responsabilização (73.60%)

Fonte: Grupo EME-UFMG

Maia et al, 2017

Dicas para a recomposição (Yin, 2016)

- **Comparações constantes**

Atentar para semelhanças e dessemelhanças entre os itens em seus dados – e questionar por que você pode ter considerado eles como semelhantes ou não na recomposição.

- **Instâncias negativas**

Revelar itens que superficialmente pareciam semelhantes, mas em análise minuciosa revelaram-se incongruentes. Casos negativos desafiam a robustez do código ou rótulo.

Exemplo: um trabalho de campo sobre solidariedade entre grupos comunitários. Apenas um não apresentou o mesmo comportamento, porque consistia de subgrupos que funcionavam bem juntos.

Seu objetivo não é ignorar essa diferença aparentemente sutil, mas investigar as outras características do último grupo com mais cuidado.

Pensamento rival

- Buscar explicações alternativas para observações iniciais.
- Sua análise deveria demonstrar explicitamente a (falta de) indícios de explicações concorrentes antes de concluir que a sua explicação é a mais plausível ou porque ao menos as outras são menos convincentes.
- Você deve formular e apresentar evidências relacionadas a rivais realistas ou plausíveis, demonstrando como as evidências poderiam favorecer a rival, como se ela fosse sua explicação principal. Idealmente, as evidências compiladas devem por seu próprio peso eliminar a rival, sem que você faça uma argumentação expositiva forte.

Outras técnicas interessantes da GT

COMPARAÇÃO CONSTANTE: também há vários contrastes que podem ser construídos para ajudar a entender o que pode estar por trás do texto superficial. A ideia por trás desses contrastes ou comparações é tentar trazer à tona aquilo que é distintivo em relação ao texto e seu conteúdo.

TÉCNICA DA INVERSÃO: compare extremos em uma dimensão em questão.
Exemplo: se alguém menciona que sua idade é um problema para encontrar trabalho, tente comparar isso com como seria para alguém mais novo, que acaba de entrar no mercado de trabalho.

COMPARAÇÕES DISTANCIADAS: tome um elemento do conceito que está examinando e pense no exemplo mais distante ou diferente de algum outro fenômeno que tenha algumas características em comum com aquele conceito (Gibbs)

COMPARAÇÃO SISTEMÁTICA: faça uma série de perguntas hipotéticas para explorar todas as dimensões dos dois fenômenos.

- Perguntar o que aconteceria se as circunstâncias, a ordem dos eventos, as características das pessoas, os lugares, os contextos, etc. fossem diferentes.
- Perguntar em que os eventos e outros fatores são semelhantes e no que são distintos dos outros.
- Tome um elemento fundamental e faça uma associação livre ou leia partes do texto em uma ordem diferente para tentar estimular ideias a partir do que está no texto .

Seja sensível a expressões como "sempre", "tudo", "não pode ser assim". Elas são sinais de necessidade de um olhar mais profundo. São raros os casos em que elas são mesmo verdadeiras. (Gibbs, 2009)

Esta tira de Dahmer está na introdução do artigo: “TUDO NORMAL: a despolitização no enquadramento multimodal da cobertura do impeachment de Dilma Rousseff” (Prudencio, Rizzotto, Sampaio, 2017).

Ao vermos os dados e notar que o número de matérias pró-impeachment eram pouco superiores àquelas contrárias. A primeira interpretação foi de uma cobertura equilibrada.

Porém, como explicação rival, pelo tamanho do evento, levantamos a hipóteses de normalização do impeachment, minimizando seu impacto e tratando-o como um evento político cotidiano. A análise qualitativa dos dados nos ajudou a evidenciar isso Posteriormente (Sampaio et al, 2020).

4. INTERPRETAÇÃO (YIN, 2016)

Interpretar pode ser considerada a arte de dar seu próprio significado a seus dados recompostos e arranjos de dados. Esta fase articula toda a análise e ocupa seu topo.

- ***Completude*** (Sua interpretação tem um começo, meio e fim?)
- ***Justeza*** (Considerando sua postura interpretativa, outros com a mesma postura chegariam à mesma interpretação?)
- ***Precisão empírica*** (a interpretação representa seus dados corretamente?
- ***Valor agregado*** (A interpretação é nova ou, sobretudo, uma repetição da literatura sobre o seu tema?)
- ***Credibilidade*** (Independente de sua criatividade, como os colegas mais valorizados em sua área criticariam ou aceitariam sua interpretação?)

Descrição como um tipo de interpretação (Yin, 2016)

- Outros estudos, embora abordem a vida cotidiana das pessoas, podem tratar mais da **natureza das instituições sociais**. Nessas situações, descrições são estruturadas de acordo com *estruturas institucionais, funções* ou *temas.*

Percepção sobre impacto da pandemia na saúde mental e apoio psicológico institucional

74,4%

Acreditam que sua saúde mental foi afetada pela pandemia

11,7%

Receberam algum tipo de apoio para cuidar de sua saúde mental

Fonte: Dados obtidos via questionário aplicado pelo NEB/FGV (junho de 2020). Elaboração dos autores (2020).

A minha unidade foi descaracterizada e se tornou centro de triagem. As visitas foram reduzidas. Há dois dias fui afastada pelo médico do trabalho por ser do grupo de risco. Mas foram dias de estresse e muito desgaste emocional. O medo de contrair o vírus ou levar a contaminação para residência. Não sei quando voltarei e como será. (ACS há 5-10 anos, mulher negra, São Paulo, Sudeste)

Desafiador, há a necessidade de levar educação em saúde às pessoas, as demandas que já existiam permanecem, acrescidas dos riscos e desdobramentos da pandemia. Entre o risco de ser contaminado e levar o vírus a outras pessoas e as necessidades dos pacientes, alguns com demandas mais específicas, como acamados, hipertensos, gestantes, existe a necessidade de reinventar-se enquanto profissional e utilizar todas as ferramentas possíveis. Com o aumento exponencial de casos em minha região, temo que tudo será bastante difícil, porém, quem trabalha na saúde precisa correr riscos e lutar no enfrentamento à Covid-19. (ACS há 5-10 anos, mulher negra, Rio Grande do Sul, Sul)

Milanezi et al, 2020

- Descrições podem ser apresentadas com níveis de detalhe. Uma descrição densa ou relatos altamente detalhados permitem aos leitores apreciar e fundamentalmente derivar uma compreensão profunda das condições sociais estudadas.

- As melhores descrições incluem os dados de um estudo. Esses dados podem ser altamente diversos, incluindo perfis de pessoas baseados nas entrevistas de um estudo, dados históricos baseados em buscas de documentos e dados numéricos escolhidos de fontes arquivais.

Sentimentos de ACS sobre medo e preparo durante a pandemia

Milanezi et al, 2020

Fonte: Dados obtidos via questionário aplicado pelo NEB/FGV (junho de 2020). Elaboração dos autores (2020).

Entre os motivos pelos quais eles(as) se sentem assim, chamam atenção a falta de equipamentos, de infraestrutura e apoio da gestão, e a possibilidade de exposição diária ao vírus. Selecionamos os relatos abaixo como ilustrativos da sensação de despreparo:

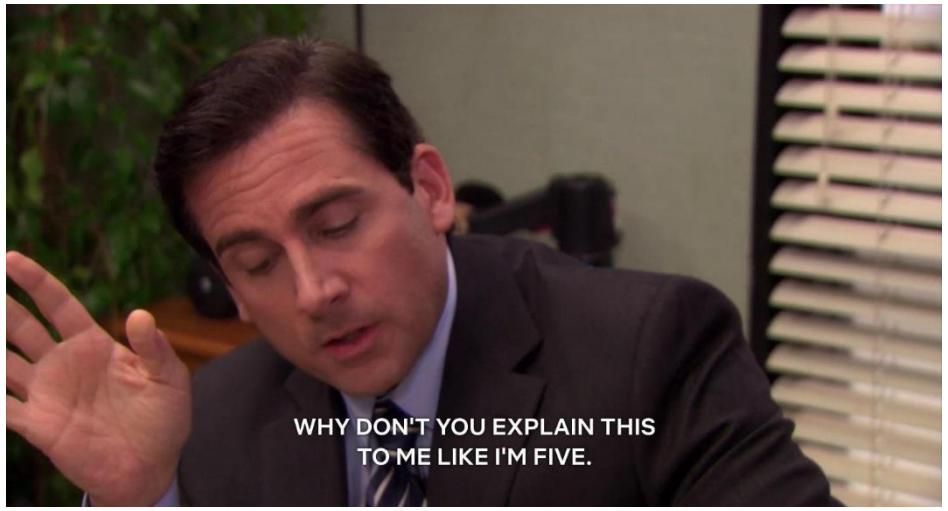
> *A falta de estrutura do local onde trabalho, inclusive a falta ou má qualidade dos equipamentos de proteção.* (ACS há 10-15 anos, mulher negra, Bahia, Nordeste)

> *A instabilidade de informações. Ora informação é de tal forma, para a informação ser desfeita. O que era falado não se sabe se é verdadeiro. A*

Explicação como tipo de interpretação (Yin, 2016)

A diferença enfatizada aqui é que todas as interpretações são dedicadas a explicar como ou por que eventos ocorreram, ou alternativamente como ou por que as pessoas foram capazes de perseguir determinados cursos de ação.

Nessa situação, a estrutura interpretativa assume um modo explicativo. Você pode ter analiticamente observado novos padrões importantes persistentes em seus dados de pesquisa – por exemplo, entre indivíduos ou fatos diferentes.



Os padrões dignos de atenção vão além de um único conjunto de dados – por exemplo, permeando uma boa parte de todos os seus dados. Esses novos padrões encontrados podem se tornar os pilares para criar uma interpretação inovadora.

Você deve sempre poder iniciar uma interpretação com suas questões de pesquisa originais e construir em torno delas.

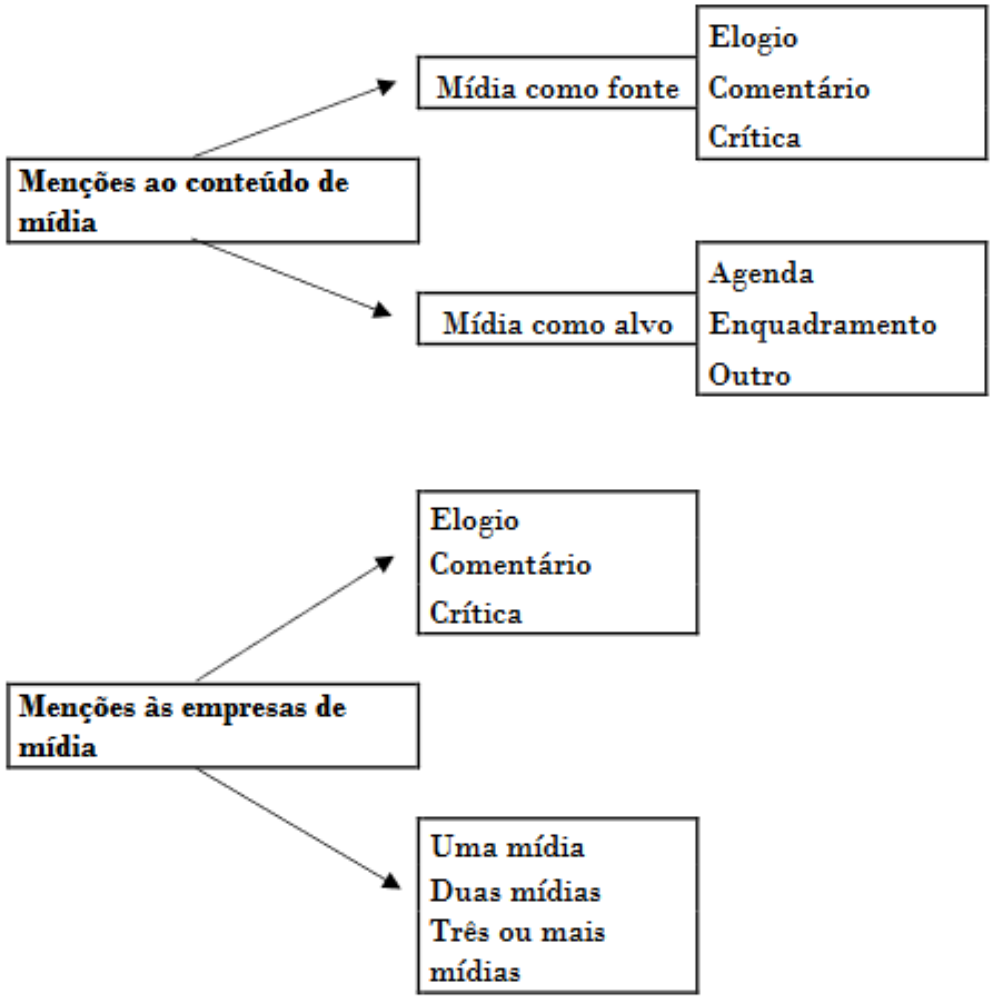


Figura 1 – Resumo do quadro analítico
Fonte: elaborada pelas autoras.

Santos, Almada, 2019

Quadro 1 : Organizações que aparecem no jornal Folha de São Paulo em cada período analisado

1ª onda	2ª onda	3ª onda
1. Aliança Cívica das Brasileiras	1. Centro da Mulher Brasileira	1. Agende
2. Federação Brasileira pelo Progresso Feminino	2. Centro Informação Mulher (CIM)	2. Anis
	3. Conselho Estadual da Condição Feminina de São Paulo	3. Blogueiras Feministas
	4. Conselho Nacional de Direitos da Mulher	4. Blogueiras Negras
	5. Frente de Mulheres Feministas	5. Católicas pelo Direito de Decidir
	6. Galf – Grupo Ação *Lésbica* Feminista	6. Cfemea
	7. Movimento Feminista do PFL	7. Cladem
	8. Pró-Mulher	8. Coletivo de Feministas Lésbicas
	9. Revista Visão	9. Coletivo Feminista Sexualidade Saúde
	10. SOS Mulher	10. Confederação de Mulheres do Brasil
	11. União das Mulheres de São Paulo	11. Conselho Estadual da Condição Feminina de SP
		12. Feministas em Ação
		13. Galf – Grupo Ação *Lésbica* Feminista
		14. Geledés
		15. Marcha Mundial das Mulheres
		16. Movimento Brasil Mulher
		17. Rede Mulher
		18. Rede Nacional Feminista de Saúde
		19. Setor feminino do PMDB
		20. SPM
		21. Think Olga

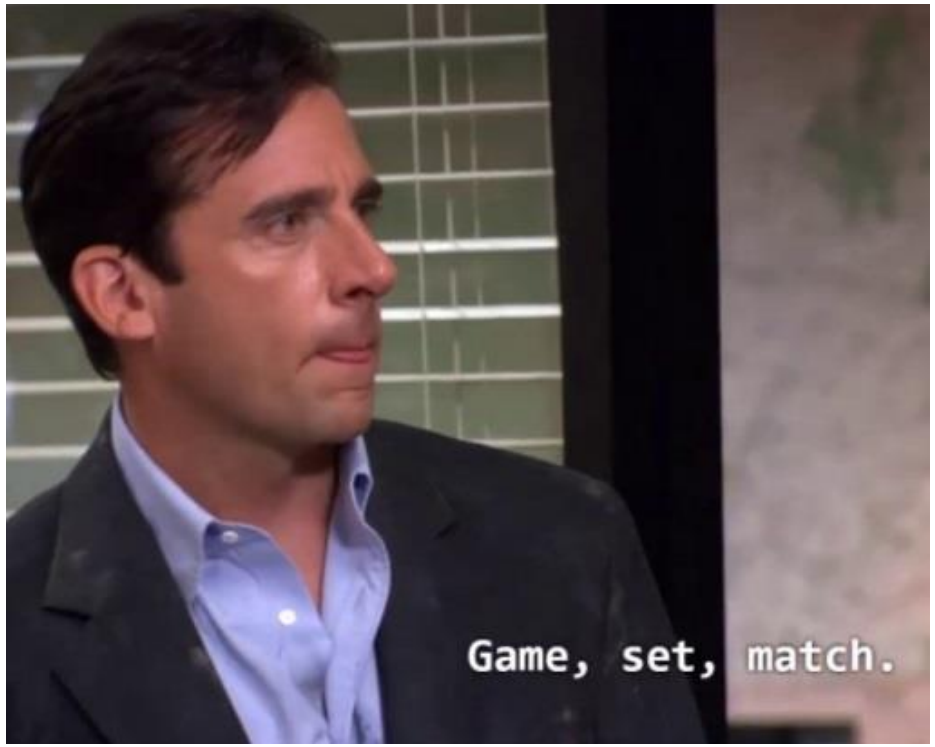
Fonte: Elaboração própria.

1921-59/1960-89/1990-2016 Fonte: Sarmento, 2020

5. Concluindo (Yin, 2016)

Uma conclusão é um tipo de declaração abrangente ou uma série de declarações que elevam os resultados de um estudo a um nível conceitual mais elevado ou conjunto mais amplo de ideias.

A conclusão captura o “significado” mais amplo de um estudo. O espírito de uma conclusão está em conceitos como “lições aprendidas” e “implicações da pesquisa”, além de *slogans* mais pragmáticos, tais como “implicações práticas” (sem necessariamente aparecer como frases reais na conclusão).



Sua liberdade de escolha, mais do que para qualquer outra parte de um estudo, permite que você faça inferências da pesquisa como um todo. Não é desejável apresentar conclusões que apenas reafirmem os resultados com outras palavras.

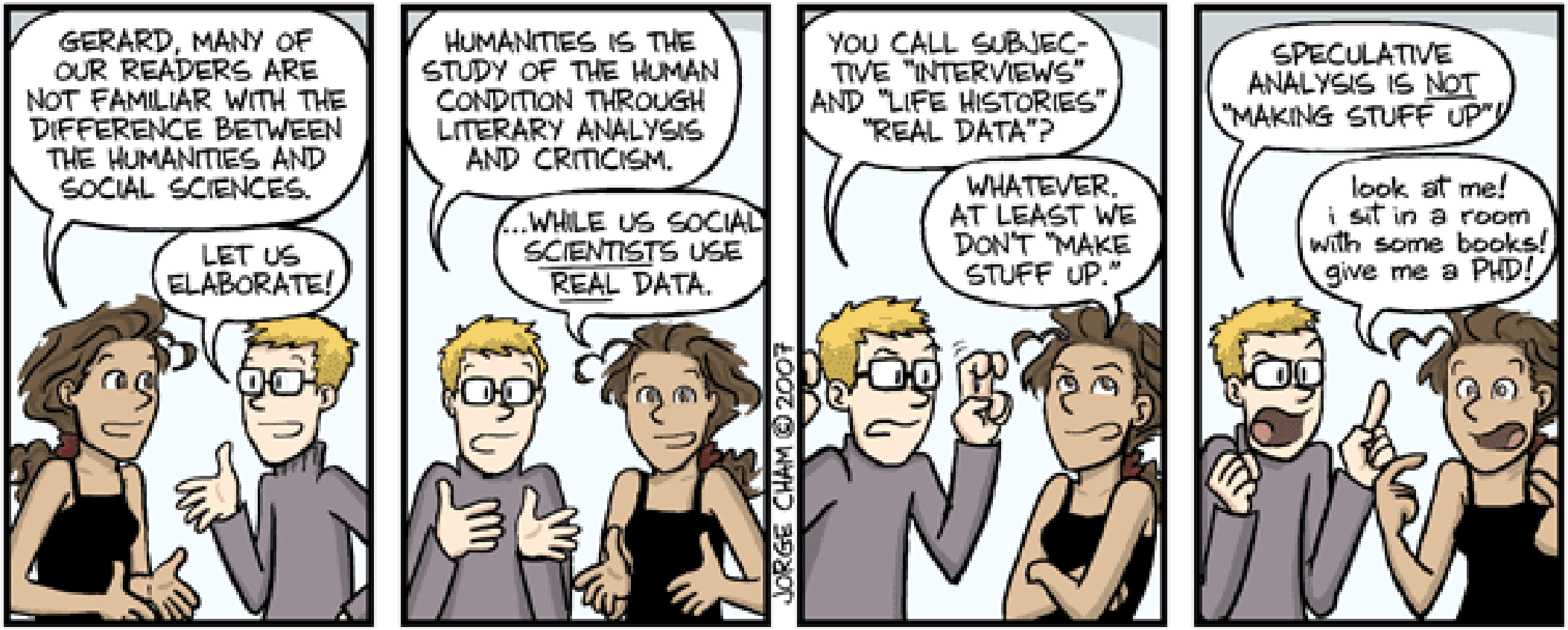
- Concluindo com um **pedido por novos estudos**
- Concluindo com uma **contestação** de generalizações convencionais e estereótipos sociais
- Concluindo com **novos conceitos**, teorias e mesmo “descobertas” sobre o comportamento social humano
- Concluindo com **proposições substantivas** (não metodológicas)
- Concluindo com uma **generalização para um conjunto mais amplo** de situações (Yin, 2016)

- **Definir conceitos**: entender estruturas internas
- **Mapear** o alcance, a natureza e as dinâmicas do fenômeno
- **Criar tipologias**: categorizar diferentes tipos de atitudes, comportamentos, motivações, etc.
- **Encontrar associações:** entre experiências e atitudes, entre atitudes e comportamentos, entre circunstâncias e motivações, etc.;
- **Buscar explicações**: explícitas ou implícitas;
- **Desenvolver novas ideias, teorias ou estratégias**. (Jane Ritchie Liz Spencer, 2002, p. 176)
- **Contar a história da pesquisa** (Casterlé et al, 2011; O'Connor, Gibson, 2003)

A qualidade da pesquisa qualitativa: validação dos resultados

"Na medida em que a pesquisa qualitativa chega a possuir massa crítica, ela também desenvolve um saber acumulado com respeito a vários critérios implícitos em avaliar e guiar empreendimentos de pesquisa".

(George Gaskell e Martin W. Bauer, 2008, p. 470)


GERARD, MANY OF OUR READERS ARE NOT FAMILIAR WITH THE DIFFERENCE BETWEEN THE HUMANITIES AND SOCIAL SCIENCES.
LET US ELABORATE!
HUMANITIES IS THE STUDY OF THE HUMAN CONDITION THROUGH LITERARY ANALYSIS AND CRITICISM.
...WHILE US SOCIAL SCIENTISTS USE REAL DATA.
JORGE CHAM © 2007
YOU CALL SUBJECTIVE "INTERVIEWS" AND "LIFE HISTORIES" "REAL DATA"?
WHATEVER. AT LEAST WE DON'T "MAKE STUFF UP."
SPECULATIVE ANALYSIS IS NOT "MAKING STUFF UP"!
look at me! i sit in a room with some books! give me a PHD!
WWW.PHDCOMICS.COM

Falácia da evidência seletiva

Surge conscientemente da tentativa sincera do pesquisador de aplicar um modelo, ou provar uma teoria, que o leve a subverter a evidencia de qualquer outro fato, ou dados, que possam servir a seu propósito.

"Cherrypicking"

Validade

- Um conceito central na metodologia da ciência social.
- É assegurada pela representatividade numérica das amostras estudadas e pelos testes de consistência interna realizadas nos dados coletados, uma forma de construção científica já reconhecida e legitimada.
- Como, enquanto pesquisador, pode-se justificar que interpretações pessoais são válidas para a experiência vivida dentro de uma dada perspectiva teórica e metodológica dada?

Validade

- A validade refere-se à semelhança entre o **conceito** e suas **medidas**, se os processos metodológicos são coerentes e se os resultados são consistentes.
- A garantia da validade começa com a compreensão direta do que deve ser medido, sendo uma questão prioritariamente de formulação da pesquisa.
- **Cho e Trent (2006):** a validade na pesquisa qualitativa envolve a determinação do grau pelo qual os apontamentos do pesquisador correspondem à realidade.

Validade

- Em pesquisas qualitativas, a concepção de validade assume formas distintas, pois a discussão sobre escalas de medição não se aplica a métodos qualitativos, sendo necessária a compreensão da validade em outra perspectiva.

- A validade indica o que constitui uma pesquisa bem feita, confiável, que tem valor, eficaz e merecedora de ser tornada pública para contribuir com o conhecimento.

Validade

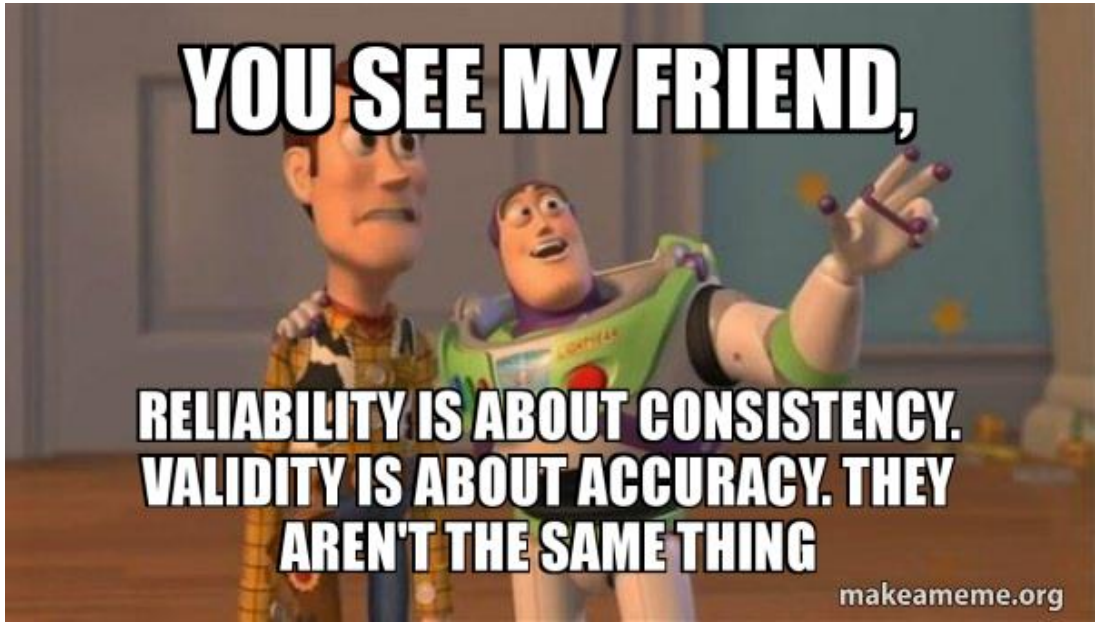
- Relaciona-se ao fato de os resultados refletirem com precisão a situação analisada e serem confiáveis, no sentido de que não haveria razões para deles duvidar; ou seja, a pesquisa é válida se as evidências fornecem o apoio necessário às suas conclusões.
- É preciso adotar critérios e processos de investigação explícitos, que possibilitem a compreensão e a replicação do estudo.

Validade

- Na medida em que a pesquisa qualitativa desenvolve reflexão crítica e saber acumulado, os pesquisadores devem deixar de abordar critérios implícitos para avaliar e guiar pesquisas, ou seja, que não mais deixem tais critérios subentendidos e passíveis de não serem percebidos ou compreendidos.

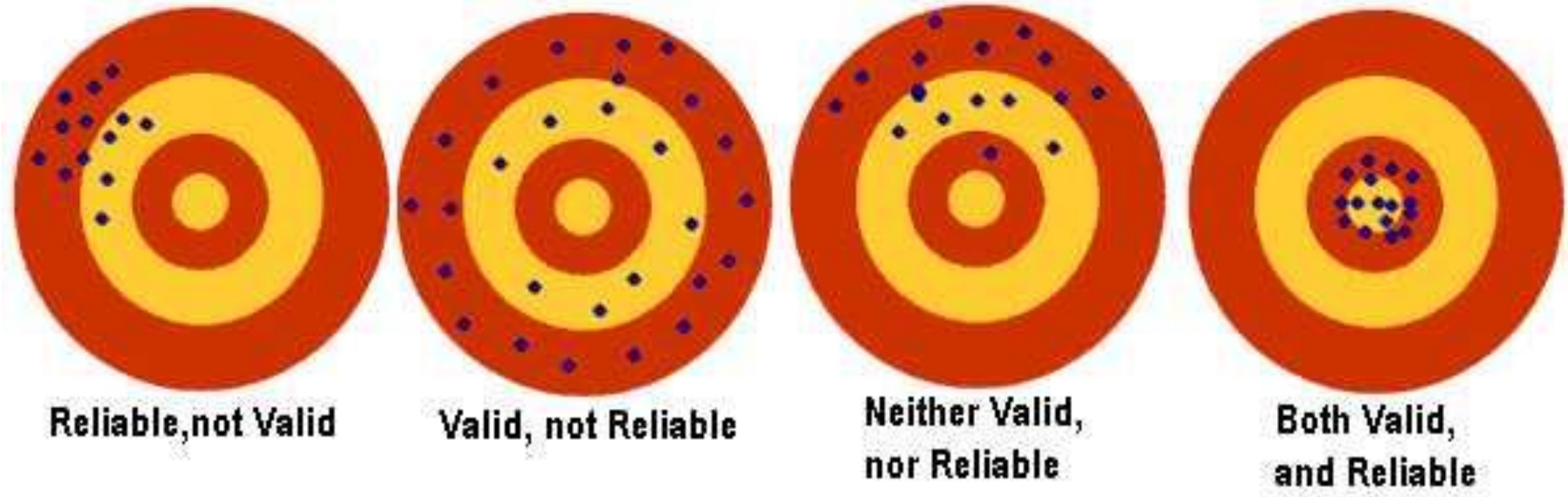
- "São as concepções manifestas da boa prática de pesquisa que gerarão a credibilidade externa e a legitimação para o estudo qualitativo, concebido, justamente devido a tais critérios ‘implícitos’, como obscuro e esotérico, pela ciência normal" (Paiva Jr. et al, 2011, p.191)

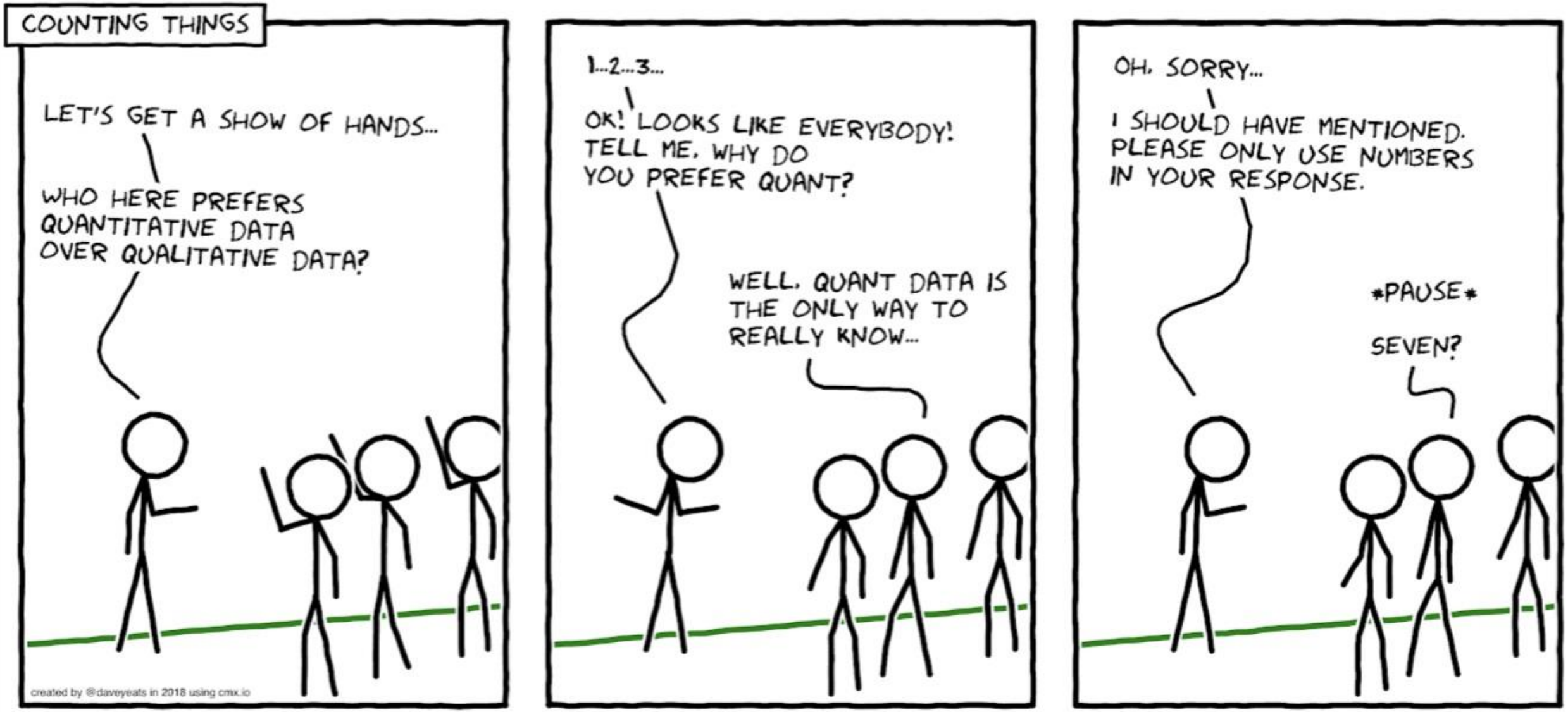
Confiabilidade



- Sendo o pesquisador o instrumento da coleta de dados, envolve a consistência da mensuração: o quanto o teste é internamente consistente e **apresenta os mesmos resultados em tentativas repetidas**.

- O que um pesquisador julga importante em um número quase infinito de observações possíveis, bem como a maneira como ele avalia cada observação em relação às outras, dentro de um quadro de referência mais amplo, determina a construção obtida.


Reliable,not Valid
Valid, not Reliable
Neither Valid,
nor Reliable
Both Valid,
and Reliable

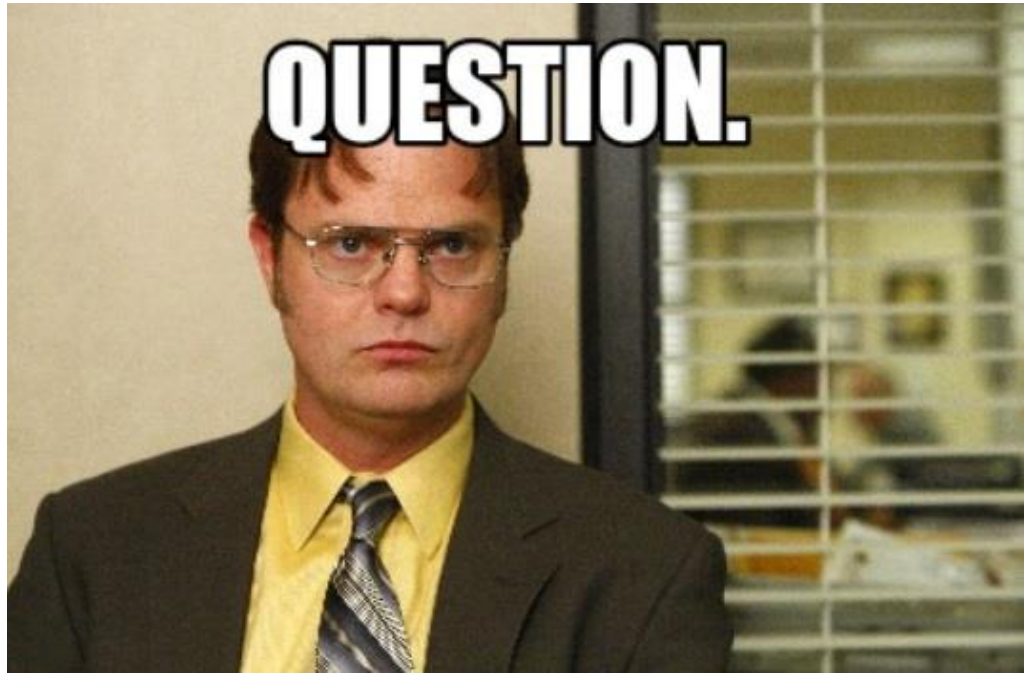


respectively, for example. After some rounds of sharing, weighing the pros

- A formulação de proposições e a prestação de contas públicas são questões centrais no processo de investigação.

- A ciência opera em um espaço público. Não é um empreendimento privado.

- Suas proposições e garantias, a fim de se qualificarem como conhecimento público, são "objetificadas" e tornadas públicas, e por isso estão abertos ao escrutínio público.



"Normally, this project would require weeks of research and verification...but luckily there's an app for it."

Tabela 19.2 – *Equivalentes funcionais para avaliação de qualidade com referência à prestação de contas pública*

Tradição quantitativa		Tradição qualitativa
		Triangulação e reflexividade (c)
Fidedignidade das mensurações (c)	Confiabilidade (c)	Transparência e clareza nos procedimentos (c)
Validade interna (c)		Construção do *corpus* (c, r)
Tamanho da amostra (c)		Descrição detalhada (c, r)
Amostragem representativa (r)	Relevância (r)	Surpresa pessoal (r)
Validade externa (r)		Validação comunicativa (r)
Validade das mensurações (r)		

Gaskell, Bauer, 2009

Tabela 1: Critérios de validade e confiabilidade na pesquisa qualitativa

Critério	Validade	Confiabilidade
Triangulação	X	X
Reflexividade		X
Construção do *corpus* de pesquisa	X	X
Descrição clara, rica e detalhada	X	X
Surpresa	X	
Feedback dos informantes (validação comunicativa)	X	X

Fonte: Elaborado pelos autores deste artigo

Paiva Jr et al, 2011

Construção do Corpus

- Em muitas pesquisas sociais, a opção por uma amostragem sistemática não é possível. Por isso, reivindicações de representatividade ou validez externa são uma questão de argumentação.

- A construção do corpus é funcionalmente equivalente à amostra representativa e ao tamanho da amostra, mas com o objetivo diverso de maximizar a variedade de representações desconhecidas.

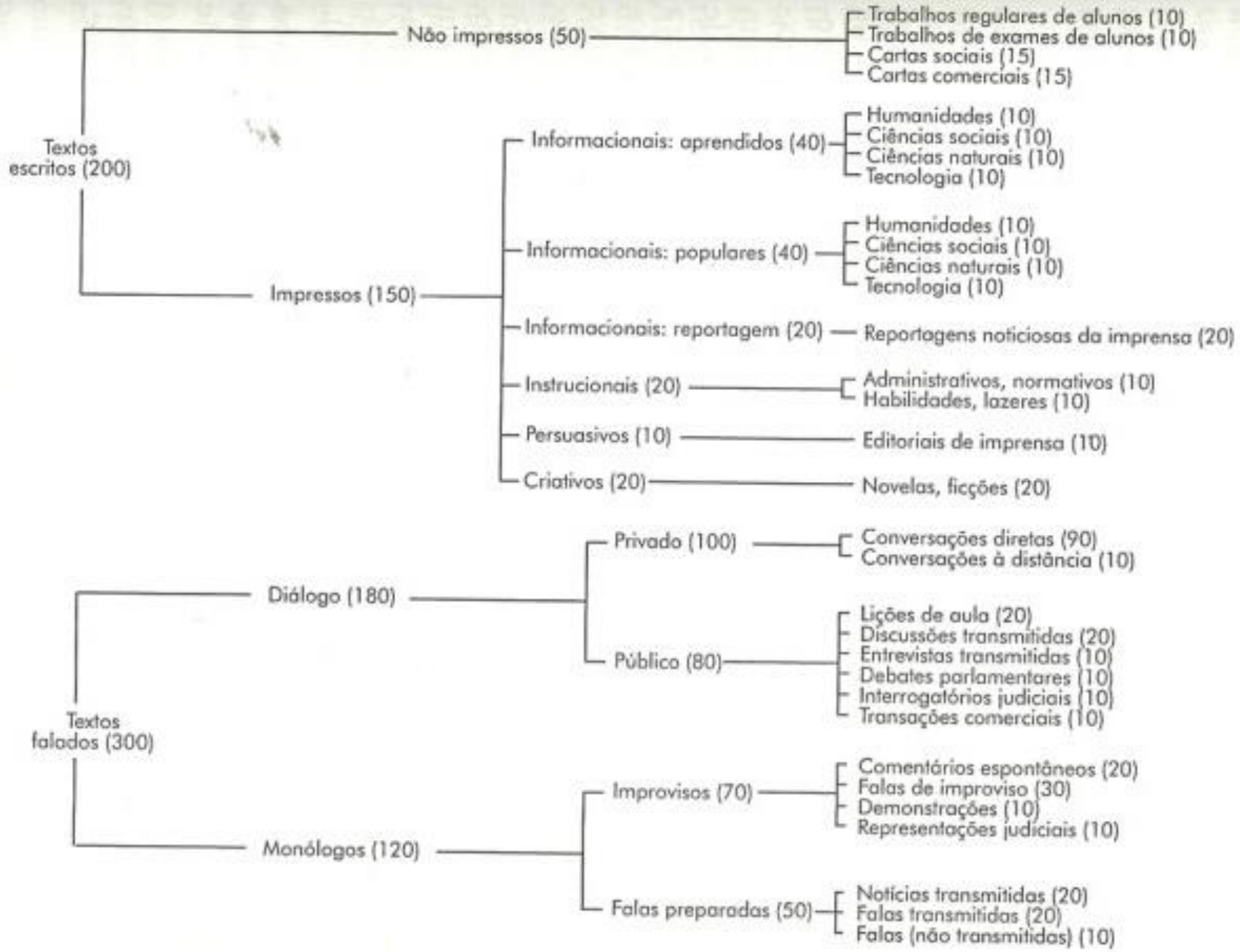


Figura 2.1 – *Um esboço do mapa ICE.*

Bauer e Aarts (2008, p. 44)

- Os pesquisadores querem mapear as representações de uma população e não medir a distribuição relativa na mesma

- O tamanho da amostra não interessa na construção do corpus, contanto que haja certa evidencia de saturação.

- A construção do corpus é um processo iterativo, onde camadas adicionais de pessoas, ou textos, são adicionados à análise até que se chegue a uma saturação e dados posteriores não tragam novas observações.

- Uma boa distribuição de poucas entrevistas ou textos ao longo de um amplo espectro de estratos tem prioridade sobre o número absoluto de entrevistas ou textos no corpus.

- Alguns poucos exemplares de cada estrato ou função social têm prioridade sobre uma seleção aleatória entre estratos ou dentro dos estratos.

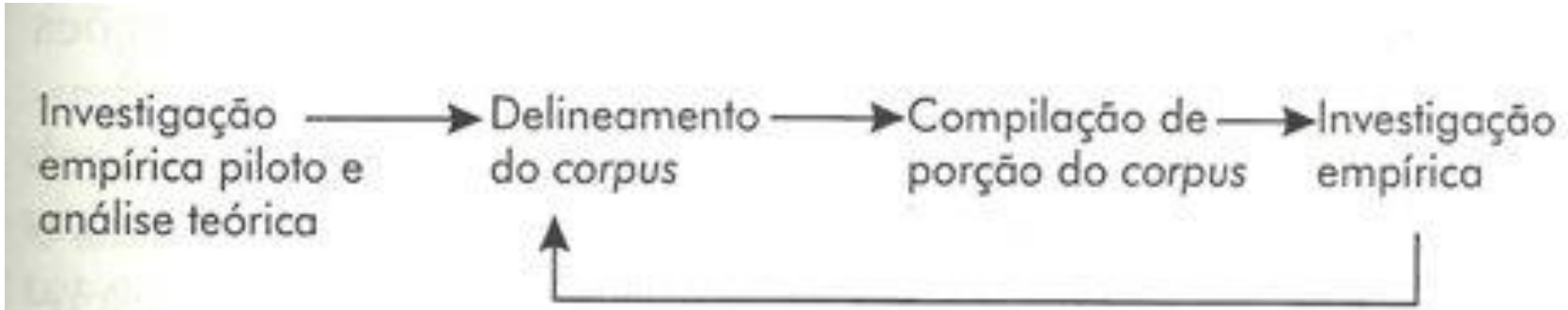


Figura 2.2 – *Delineamento do* corpus *como um processo cíclico* (Biber, 1993: 256).

Transparência e clareza nos procedimentos

- A clareza nos procedimentos é um critério de confiabilidade que diz respeito à boa documentação, à transparência e ao detalhamento de exposição dos procedimentos na busca e na análise dos resultados.
- O importante é gerar condições para que outros pesquisadores possam reconstruir o que foi realizado em cenários de pesquisa diferentes.

Transparência e clareza nos procedimentos

- A transparência desempenha para a pesquisa qualitativa funções semelhantes à validade interna e externa na pesquisa quantitativa.

- Cabe ao pesquisador proporcionar suficiente descrição do contexto social do cenário da pesquisa e dos sujeitos analisados e das fases de sua elaboração para que os leitores fiquem aptos a determinar a proximidade de suas situações com o cenário relatado na pesquisa e até se descobertas podem ser transferíveis.

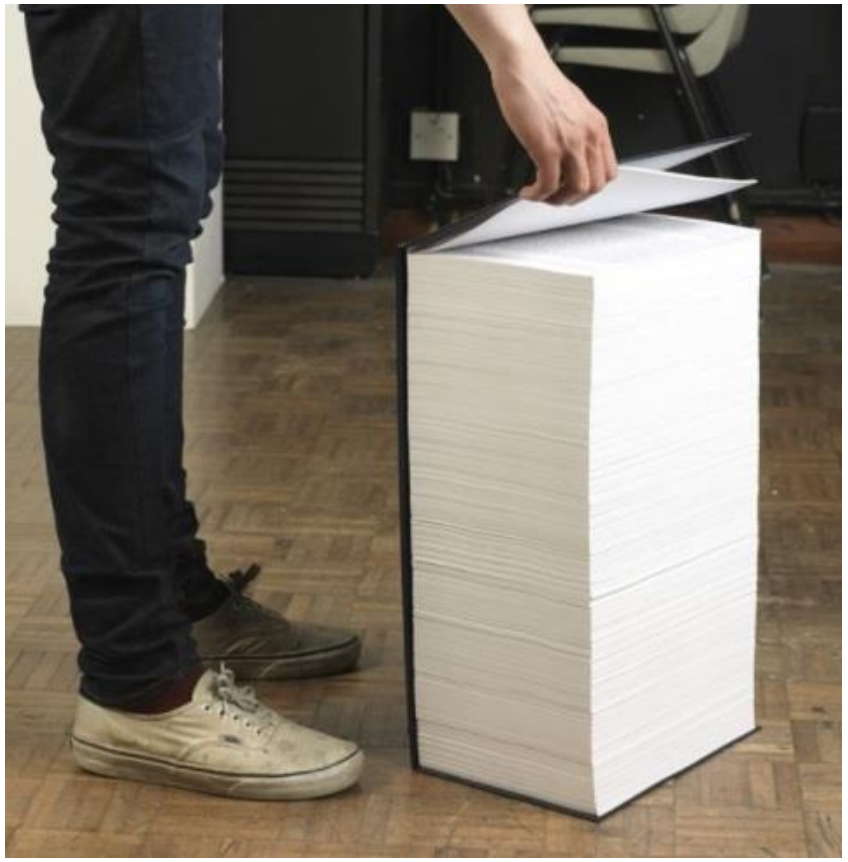
Transparência e clareza nos procedimentos

Deve também incluir uma descrição detalhada e transparente de todas as questões metodológicas, como:

- a seleção e das características dos respondentes e/ou dos materiais;
- o tópico-guia das entrevistas e/ou o referencial de codificação para uma análise de conteúdo;
- o método de coleta de dados, o tipo de entrevista, ou o tipo de análise de conteúdo.

Descrição detalhada

- A pesquisa qualitativa deve fazer uso extenso de registros literais das fontes.
- É a referência da origem de uma afirmação.
- O leitor pode aceitar a interpretação oferecida ou chegar a um ponto de vista diferente.
- O que deve ser evitado é a pratica ou a aparência de seleção cuidadosa e edição de pequenos extratos significativos com a finalidade de legitimar os preconceitos do escritor.



Descrição detalhada

- A fonte é um indicador de confiabilidade.
- Um registro cuidadosamente indexado e também um indicador de relevância, no sentido de que ele fornece ao leitor intuições a respeito do colorido local, da linguagem e do mundo da vida dos atores sociais.
- Um relatório bem escrito traz o leitor para o meio dos atores sociais.

Reflexividade

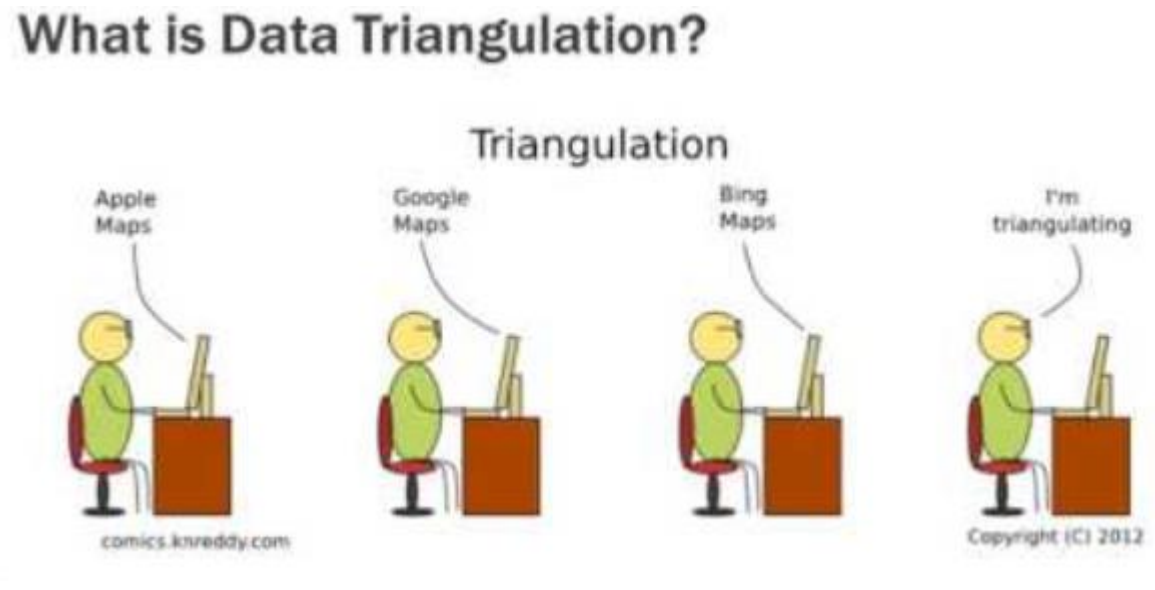
- É um critério de confiabilidade e diz respeito **ao antes e ao depois do acontecimento**, gerando transformação no pesquisador, que vai se tornando uma pessoa diferente por considerar as inconsistências do estudo ao longo do processo.
- Trata-se de se **voltar ao processo investigativo** tendo em vista suas possibilidades não apenas a partir do pesquisador, mas devido ao informante, à audiência e ao próprio texto (JOY et al., 2006).
- O “sujeito”, historicamente fazedor da ação social, contribui para significar o universo pesquisado exigindo uma constante reflexão e reestruturação do processo de questionamento do pesquisador.

Reflexividade

- É o caminho para o pesquisador analisar, questionar e, algumas vezes, se reposicionar nos temas e situações que se encontram fora do lugar na prática diária da vida social, estando intimamente ligada com as práticas éticas de pesquisa.

- Uma pesquisa reflexiva significa que o pesquisador deve constantemente analisar suas ações e suas regras no processo de pesquisa e sujeitá-las ao mesmo exame atencioso que o restante dos dados.

Triangulação



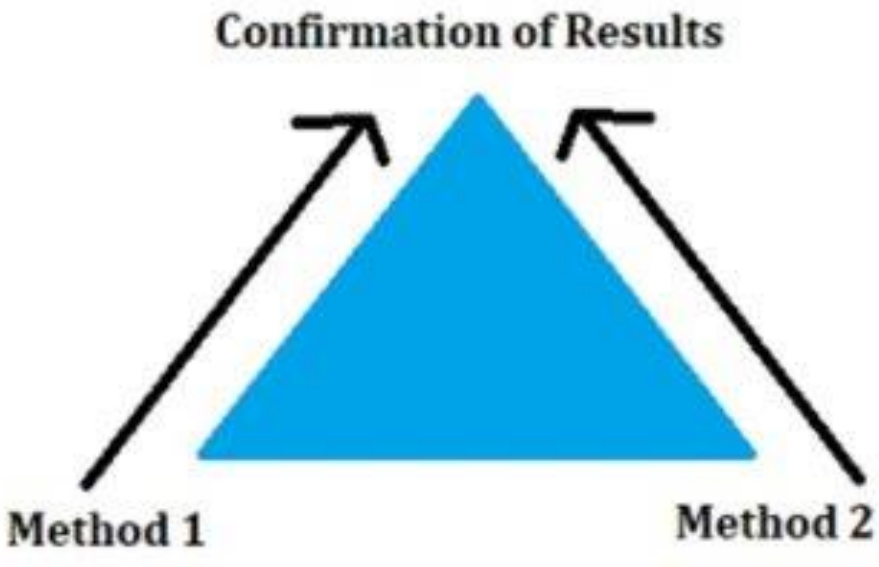
- A triangulação é um modo de institucionalização de perspectivas e métodos teóricos, buscando reduzir as inconsistências e contradições de uma pesquisa (GASKELL; BAUER, 2005).

- A triangulação é uma estratégia de pesquisa de validação convergente tanto de métodos múltiplos quanto de multi tratamento dos dados relativos a um mesmo fenômeno.

Triangulação

- Quatro diferentes tipos de triangulação: por meio de múltiplas e diferentes fontes, pesquisadores, métodos e teorias

- Diferentes fontes, tais como entrevistas com pessoas de distintos níveis hierárquicos e diferentes tipos de técnicas de coleta de dados, como entrevistas, grupos focais e observações sobre determinado caso, podem enriquecer sua compreensão sobre o fenômeno estudado.



- Outra abordagem importante é a utilização de mais de um pesquisador no processo.

- A alocação de uma pessoa distinta juntamente com o pesquisador para acompanhar os relatos e fazer perguntas aos entrevistados, bem como a convocação de um auditor externo para acompanhar o processo da pesquisa e as conclusões do estudo.

- O delineamento força o pesquisador a considerar as inconsistências como uma parte de um processo continuo do projeto de pesquisa.

- A aproximação do problema a partir de duas perspectivas ou com dois métodos irá levar a inconsistências e contradições (explicações rivais).

- **Hipóteses contrafactuais:** são hipóteses que visam assegurar um conhecimento mais rigoroso das hipóteses testadas, permitindo descartar possibilidades que podem confundir os resultados.

- **Exemplo***:* Perguntar não apenas o porquê, mas também o motivo da ausência de algum fator. O raciocínio pela negação muitas vezes obriga a um exercício mental que rompe com o esperado e inculcado.

- Estas diferenças irão exigir a atenção do pesquisador a fim de poder ponderar sua origem e sua interpretação.

- É evidente que algumas inconsistências podem ser fruto de limitações metodológicas, mas elas podem também demonstrar que os fenômenos sociais se apresentam diferentes na medida em que eles são enfocados de diferentes ângulos.

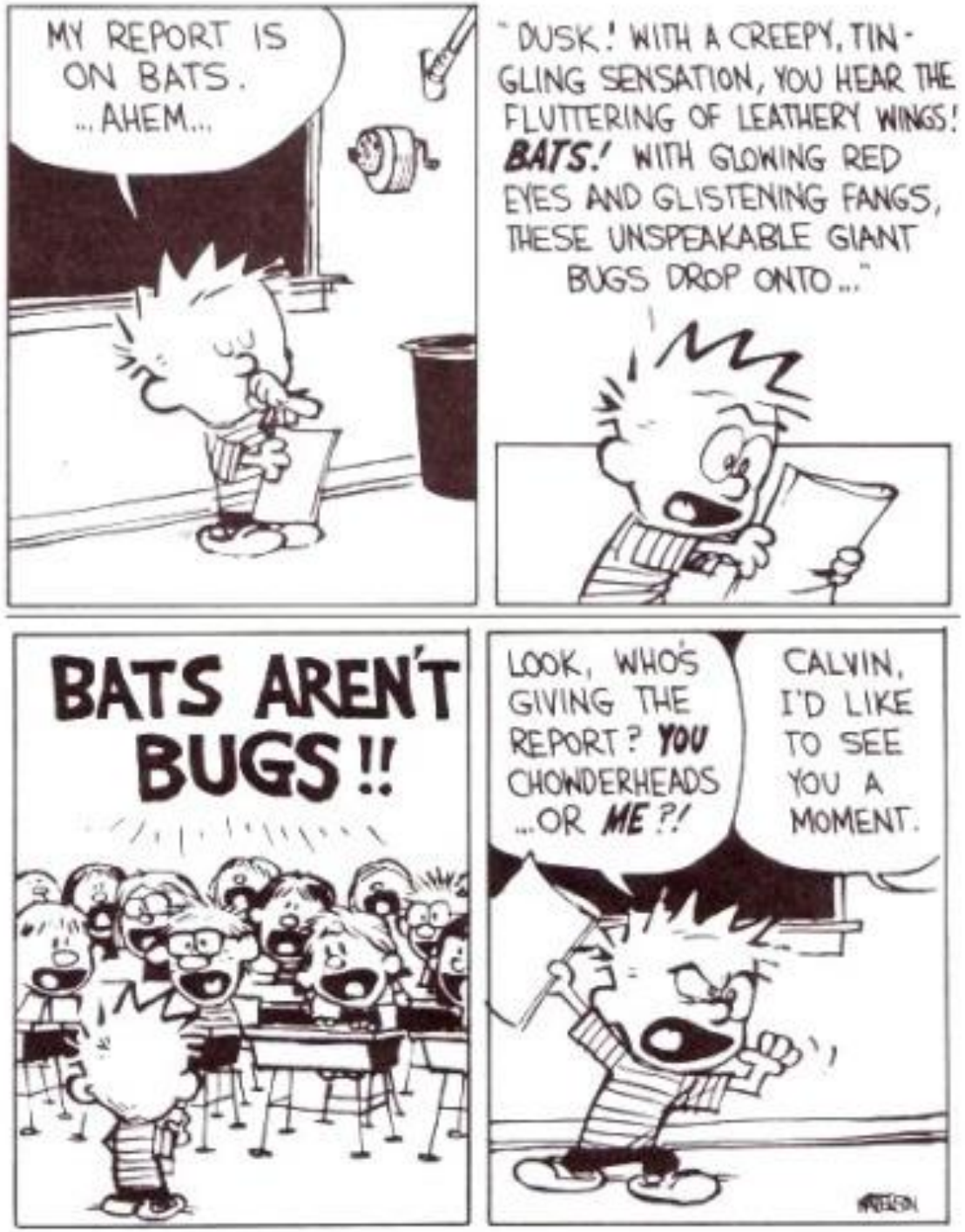
Validade transacional (comunicativa)

- **Cho e Trent (2006, p. 321):** um processo interativo entre o pesquisador, o pesquisado e os dados coletados. Auxilia ao alcance de um relativamente alto nível de certeza e consenso por meio de fatos revisitados, sentimentos, experiências, e valores ou crenças coletados e interpretados.

- Os participantes da pesquisa leem e confirmam ou ajustam os dados coletados pelo investigador, buscando dar credibilidade às interpretações deste.

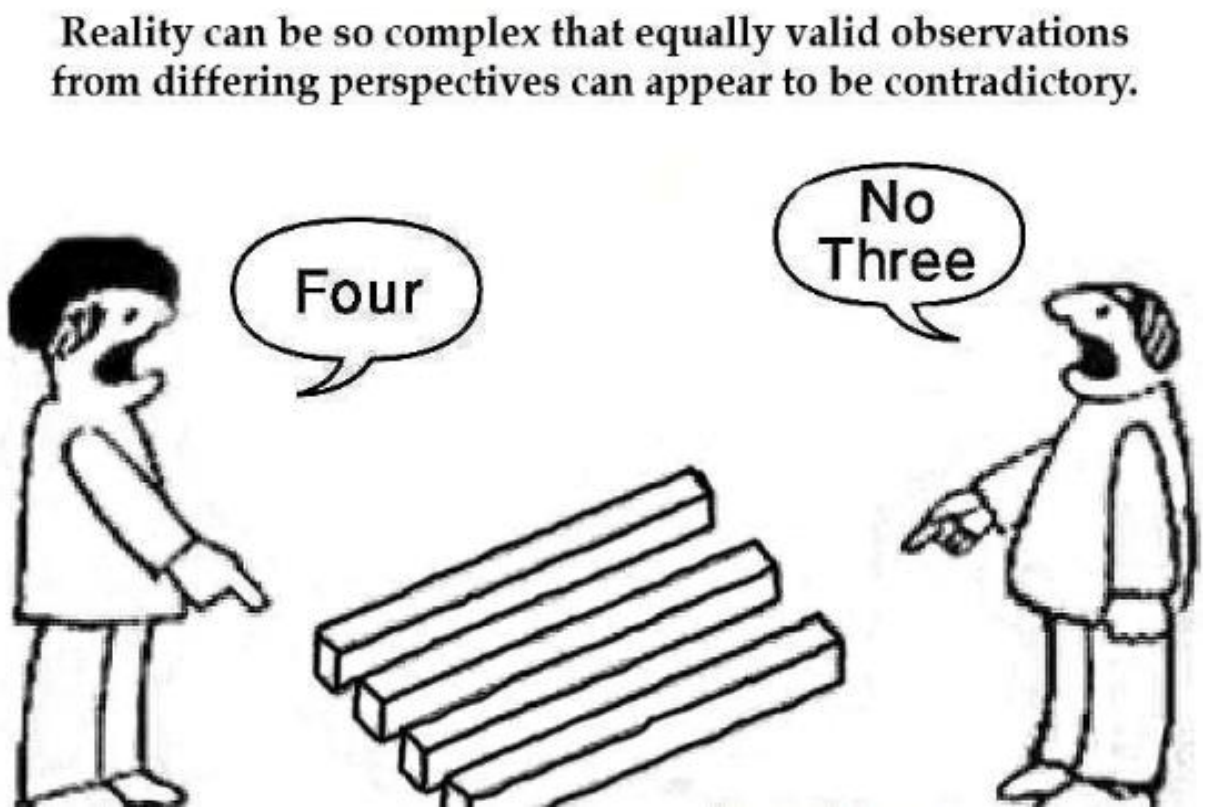
- A prática inclui as auditagens e checagens confirmadas periodicamente pelo informante, além de sessões de feedback da pessoa investigada.

- Em muitas situações de validação consensual, e discussões sobre discordâncias que surgem na interpretação, podem ser de valor para o pesquisador e para os participantes. Isto mostra respeito para a perspectiva do ator social.



- No entanto, o ator social não pode exercer a autoridade absoluta nas descrições e interpretações de sua ação, deixando, assim, o pesquisador como refém das afirmações e interpretações do ator social, comprometendo até a independência da pesquisa.

- O observador tem diferentes vantagens sobre o observado e isso pode ser de valor intrínseco, independentemente do consentimento do ator observado.



- **Em primeiro lugar**, o observador vê o que o ator não pode ver sobre si mesmo, como o conhecimento implícito ou rotinas comportamentais e práticas culturais aceitas sem discussão.

- **Em segundo lugar**, o observador vê todo o quadro, o que inclui o ator e seu meio social e físico. Isto se estende para além do olhar habitual do ator.

- **Em terceiro lugar**, o observador, como cientista social, emprega abstrações com respeito às práticas ou representações que o ator observado pode não aceitar ou entender.

A surpresa como uma contribuição à teoria e/ou ao senso comum

- A surpresa é um critério de validade na pesquisa qualitativa e tem uma importância no que diz respeito à descoberta de evidências inspiradoras a novas formas de pensamento sobre determinado tema quanto à mudança de mentalidade já cristalizada em torno do fenômeno.

- Padrões devem ser revistos ou aprofundados sob diferentes prismas para a teoria, para o método ou mesmo para o conhecimento popularmente difundido na sociedade.

- A pesquisa qualitativa exige uma demonstração similar de valor de surpresa, a fim de evitar a falácia da evidencia seletiva na interpretação.

- A fim de evitar o uso de entrevistas qualitativas, ou análise de texto, como geradores de citações que possam ser empregadas para apoiar ideias preconcebidas, toda pesquisa necessita documentar a evidencia com uma discussão sobre as expectativas confirmadas ou não.

Quadro 2 – Critérios de confiabilidade em pesquisas qualitativas

Critério	Descrição e operacionalização do critério nas pesquisas qualitativas
Descrição detalhada	Descrição em profundidade das situações delimitadas. Descrição do recorte espaço temporal de realização do estudo, bem como evidenciar as categorias de análises em discussão.
Tempo de permanência no campo	Permanência a longo tempo no campo permitindo a captura das dinâmicas sociais de forma longitudinal e transversal.
Saturação teórica	Busca dos autores no sentido de centralizar as articulações teóricas.
Triangulação dos dados	Utilização de diferentes estratégias de coleta e de análise de dados.
Reprodução e avaliação das análises	Divulgação e avaliação das análises entre os pares.
Transparência	Descrição detalhada de todos os procedimentos utilizados na pesquisa empírica e na construção teórica.
Limitação da pesquisa	Exposição das limitações da pesquisa.
Coerência	Coerência entre os dados empíricos e a teoria que está sendo construída.
Exploração dos significados	Exploração dos significados e dos fenômenos relacionados ao campo onde o estudo é conduzido.
Reflexividade	Articulação das proposições de estudos à realidade social onde o mesmo é conduzido. Reconhecer as diversas possibilidades teóricos-empíricas de análise, e situar sociohistoricamente as escolhas realizadas pelo pesquisador.

Fonte: da pesquisa.

Quadro 4 – Técnicas utilizadas para verificar a validade em estudos qualitativos

Tipo de técnica	Técnica
Considerações de *design*	Desenvolver um design de pesquisa autoconsciente Decisões de amostragem Triangulação Dar voz aos pesquisados Expressa assuntos de um grupo oprimido
Geração dos dados	Articular coletas de dados Demonstrar observação persistente Demonstrar engajamento prolongado Fornecer transcrição literal Demonstrar saturação
Análise	Articular decisões de análise Checagem com membros Checagem com experts Apresentar tabelas de redução dos dados Explorar explicações rivais Apresentar junção com a literatura Anotações Reflexão sobre os dados
Apresentação	Fornecer uma trilha para a checagem dos dados Prover evidências que suportem as interpretações Reconhecer a perspectiva do pesquisador Fornecer descrições detalhadas

Fonte: Whittemore, Chase e Mandle (2001).

Manuais utilizados

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. (org.) **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:** um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2010.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa.** 3ª edição. Porto Alegre: Artmed editora, 2009.

GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos.** Porto Alegre: Artmed editora, 2009.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Penso Editora, 2016.

Ver também

BARBOUR, Rosaline. **Grupos focais**. Porto Alegre: Bookman Editora, 2009.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

FLICK, Uwe. **Qualidade na pesquisa qualitativa.** Porto Alegre: Bookman editora, 2009.

MINAYO, Maria Cecilia de Souza. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo, Hucitec, 2014.

TAKAHASHI, Adriana (org.). **Pesquisa Qualitativa em Administração:** Fundamentos, Métodos e Usos no Brasil. São Paulo: Atlas, 2013.

WELLER, Wivian; PFAFF, Nicole. **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação:** teoria e prática. Petrópolis: Vozes, 2013.

Referências

CASTERLÉ, Bernadette Dierckx et al. QUAGOL: A guide for qualitative data analysis. **International journal of nursing studies**, v. 49, n. 3, p. 360-371, 2012.

CHAGAS, Viktor et al. A política dos memes e os memes da política: proposta metodológica de análise de conteúdo de memes dos debates eleitorais de 2014. **Intexto**, n. 38, p. 173-196, 2017.

CHO, Jeasik; TRENT, Allen. Validity in qualitative research revisited. **Qualitative research**, v. 6, n. 3, p. 319-340, 2006.

CORREIA, Tiago. Interpretação e validação científica em pesquisa qualitativa. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 17, p. 263-274, 2013.

CRESWELL, J. **Qualitative inquiry and research design:** Choosing among five approaches. Los Angeles: SAGE, 2013.

ELLIOTT, Victoria. Thinking about the coding process in qualitative data analysis. **The Qualitative Report**, v. 23, n. 11, p. 2850-2861, 2018.

GASKELL, George, BAUER, Martin. Para uma prestação de contas pública: além da amostra, da fidedignidade e da validade. in BAUER, Martin W.; GASKELL, George. (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**, 2007, p. 470-490.

GONDIM, Carina; JUNQUEIRA, Roberto; SOUZA, Scheilla. Tendências em validação de métodos de ensaios qualitativos. **Revista do Instituto Adolfo Lutz (Impresso)**, v. 70, n. 4, p. 433-447, 2011.

JOY, A.et al. Writing it up, writing it down: being reflexive in accounts of consumerbehavior. In: BELK, R. (Ed.). Handbook of qualitative research methods in Marketing. Edward Elgar: Northampton, 2006, p. 345-360.

KRIPPENDORFF, K. **Content analysis:** an introduction to its methodology. Londres: Sage, [1980] 2004.

MATTHES, Jörg; KOHRING, Matthias. The content analysis of media frames: Toward improving reliability and validity. **Journal of communication**, v. 58, n. 2, p. 258-279, 2008.

MILANEZI, Jaciene. Mulheres negras na pandemia: o caso de Agentes Comunitárias de Saúde (ACS**).** **Informativo Desigualdades raciais e Covid-19.** Cebrap, dezembro #5, 2019.

OLLAIK, Leila Giandoni; ZILLER, Henrique Moraes. Concepções de validade em pesquisas qualitativas. **Educação e Pesquisa**, v. 38, n. 1, p. 229-242, 2012.

OSE, Solveig Osborg. Using Excel and Word to structure qualitative data. **Journal of Applied Social Science**, v. 10, n. 2, p. 147-162, 2016.

PAIVA JÚNIOR, Fernando; SOUZA LEÃO, André; MELLO, Sérgio. Validade e confiabilidade na pesquisa qualitativa em administração. **Revista de Ciências da Administração,** v. 13, n. 31, p. 190-209, 2011.

RITCHIE, Jane; SPENCER, Liz. Qualitative data analysis for applied policy research. **The qualitative researcher's companion**, v. 573, n. 2002, p. 305-29, 2002.

RIZZOTTO, C. C.; PRUDENCIO, K. ; SAMPAIO, R. C. . TUDO NORMAL: a despolitização no enquadramento multimodal da cobertura do impeachment de Dilma Rousseff. **Comunicação & Sociedade,** v. 39, p. 111-130, 2017.

SAMPAIO, Rafael; LYCARIÃO, Diógenes. Eu quero acreditar! Da importância, formas de uso e limites dos testes de confiabilidade na Análise de Conteúdo. **Revista de Sociologia e Política**, v. 26, n. 66, p.31-47, 2018.

SAMPAIO, R.C.; RIZZOTTO, C. ; DRUMMOND, D.; ROCHA, C.; WASHINGTON, B.; MARIOTO, D. Enquadramento noticioso e construção narrativa do impeachment de Dilma Rousseff nos jornais Folha de S. Paulo, Estado de S. Paulo e O Globo. **REVISTA DEBATES** (UFRGS), v. 14, p. 110-131, 2020.

SARMENTO, Rayza. O feminismo no jornalismo (1921 a 2016). **Cadernos Pagu** (UNICAMP), v. 58, p. 1-36, 2020.

SANTOS, Nina; ALMADA, Maria Paula . Midiativismo em rede: Twitter e as críticas aos meios de comunicação tradicionais em um sistema híbrido de comunicação. **ESFERAS**, p. 18, 2019.

SOUTO, Bernardino Geraldo Alves; KORKISCHKO, Nádia. Validação de pesquisa qualitativa por meio de descrição quantitativa da amostra. **Rev Med Minas Gerais**, v. 22, n. 1, p. 1-128, 2012.

TAQUETTE, Stella. Análise de dados de pesquisa qualitativa em saúde. **CIAIQ2016**, v. 2, 2016.

THOMAS, David R. **A general inductive approach for qualitative data analysis.** 2003.

ULLRICH, Danielle Regina et al. Reflexões teóricas sobre confiabilidade e validade em pesquisas qualitativas: em direção à reflexividade analítica. **Análise**, v. 23, n. 1, 2012.

WHITTEMORE, Robin; CHASE, Susan K.; MANDLE, Carol Lynn. Validity in qualitative research. **Qualitative health research**, v. 11, n. 4, p. 522-537, 2001.

WOZNIAK, Antal; LÜCK, Julia; WESSLER, Hartmut. Frames, stories, and images: The advantages of a multimodal approach in comparative media content research on climate change. **Environmental Communication**, v. 9, n. 4, p. 469-490, 2015.

Obrigado!

compolitica.org

cardososampaio@gmail.com

Rafael Cardoso Sampaio

Professor do Departamento de Ciência Política da UFPR
Presidente da Compolítica
Pesquisador do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Democracia Digital (INCT.DD)
Co-líder do grupo de pesquisa Comunicação e Participação Política (COMPA)
Pesquisador de Comunicação Política e Democracia Digital

Lattes / Google Scholar
Email / Twitter

Nilton Cesar Monastier Kleina (colaboração)

Doutorando em Comunicação pela UFPR
Mestre em Comunicação pela UFPR
Membro do grupo de pesquisa Comunicação e Participação Política (COMPA)
Pesquisador de Comunicação Política e redes digitais

Lattes / Google Scholar
Email / Twitter